

**FELIPE CARBONELL BRITES**

**UMA REFLEXÃO SOBRE *O CONTINENTE*, V. I, DE ÉRICO VERÍSSIMO: ENTRE  
A LITERATURA E A HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa

**BAGÉ**

**2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

P426r Brites, Felipe Carbonell

UMA REFLEXÃO SOBRE *O CONTINENTE*, V. I, DE ÉRICO VERÍSSIMO:  
ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA / Felipe Carbonell Brites – 2021, 52

p.

Orientador: Lúcia Maria Britto Corrêa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-- Universidade Federal do Pampa – Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, Campus Bagé, 2021

1. Literatura. 2. História. 3. Gaúcho. 4. Verossimilhança. I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Universidade Federal do Pampa

**FELIPE CARBONELL BRITES**

**UMA REFLEXÃO SOBRE O CONTINENTE V. I, DE ÉRICO VERÍSSIMO:  
ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português e Literaturas de Língua, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 08 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa  
Orientadora  
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Miriam Denise Kelm  
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros  
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **LUCIA MARIA BRITTO CORREA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/05/2021, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MIRIAM DENISE KELM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/05/2021, às 16:17, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **VERA LUCIA CARDOSO MEDEIROS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/05/2021, às 16:34, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0524840** e o código CRC **778FCC99**.

---

Referência: Processo nº 23100.007965/2021-33 SEI nº 0524840

Dedico este trabalho ao amor pela minha terra.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus familiares, pelo amor incondicional, pelo incentivo aos estudos, e por acreditar no meu sonho.

À minha orientadora, Profa. Dra. Lúcia Maria Britto Corrêa pelo carinho, paciência e compreensão sem limites durante a produção deste trabalho.

Aos amigos que fiz em Bagé, em especial Mariana Girard e Jefferson Lamadril, que abriram as portas de casa e do coração para me dar um novo lar.

Aos meus mais antigos amigos, Leonardo Londero e Roberto Zubaran, pelo apoio, pelo incentivo, e por não me deixar desistir nos momentos mais difíceis.

Ao meu estimado amigo Alexandre Moreira, pelo companheirismo e por todos os aniversários que não me deixou comemorar sozinho.

Aos queridos professores que participaram da minha jornada acadêmica, que tanto contribuíram para a formação do professor que eu desejo me tornar.

“Entre uma guerra e outra, faz-se a história do sul”

Regina Zilberman

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre os aspectos históricos e literários presentes no romance histórico *O Continente*, volume I de Érico Veríssimo a partir do conceito de verossimilhança, identificando e estabelecendo uma relação entre os elementos da História e da Literatura que conforme Zilberman (2004) possibilitam o leitor a tornar-se testemunha da história do Rio Grande do Sul. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Para a análise estrutural dos aspectos da narrativa e do processo de construção, utilizou-se Forster (2003) e as metodologias de Gancho (2006), além de alguns conceitos de Brait (1985) sobre análise de personagens. A definição de história e literatura utiliza conceitos de Pesavento (2003) na busca da aproximação entre as duas áreas que atuam simultaneamente nesta pesquisa. Os aspectos sociais a serem discutidos no presente trabalho estão pautados de acordo com a compreensão de Candido (2006 e 1980) e dos dados fornecidos por Maestri (2006). De forma a ilustrar a perpetuação do mito do gaúcho herói, as definições de Dutra (2001) e Albeche (1995) sustentam a análise de cunho histórico e cultural sobre esta que é uma figura de grande destaque no enredo do romance. Finalmente, a história do Rio Grande do Sul traz os dados de Pesavento (2003) e (2014), além das anotações de Flores (2019), procurando por em prática o conceito de metaficção historiográfica de Hutcheon (1991), trabalhando brevemente o entendimento de Nova História Cultural de Chartier, bem como o de micro-história de Carlo Ginzburg, ampliando a análise do processo de construção da obra que utiliza como pano de fundo os períodos de conflitos do Rio Grande do Sul, ao mesmo tempo que preenche as lacunas deixadas pela história no imaginário do povo gaúcho.

Palavras chave: literatura; história; gaúcho; verossimilhança.

## ABSTRACT

This study aims to propose a reflection on the historical and literary aspects presented in the historical novel *O Continente*, volume I by Érico Veríssimo based on the concept of verisimilitude, identifying and establishing a relationship between the elements of History and Literature that according to Zilberman (2004) enable the reader to become a witness of the Rio Grande do Sul history. The methodology used was bibliographic research. The structural analysis of aspects from the narrative and the construction process, was based on Forster (2003) and the methodologies of Gancho (2006), in addition to some concepts by Brait (1985) about character analysis. The definition of history and literature uses concepts from Pesavento (2003) in the attempt to an approximation between the two areas that act simultaneously in this research. The social aspects to be discussed in the present study are based on the understandings of Candido (2006 and 1980) and the data provided by Maestri (2006). In order to illustrate the perpetuation of the myth of the Native Hero (*Gaúcho Herói*), the definitions of Dutra (2001) and Albeche (1995) support the analysis of historical and cultural nature about the figure of great prominence in the plot of the novel. Lastly, the history of Rio Grande do Sul brings the data of Pesavento (2003) and (2014), in addition to the notes of Flores (2019), seeking to put into practice the concept of historiographic metafiction by Hutcheon (1991), briefly working on the understanding of Chartier's New Cultural History, as well as Carlo Ginzburg's microhistory, expanding the construction's process analysis of the work that uses Rio Grande do Sul's periods of conflict as a backdrop, while filling in the gaps left by history in the imagination of the people from the state.

Keywords: literature; story; gaúcho; likelihood.

---

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 UM OLHAR SOBRE <i>O CONTINENTE</i> v. I.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 “A Fonte” .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 “Ana Terra” .....</b>	<b>19</b>
<b>2.3 “Um Certo Capitão Rodrigo” .....</b>	<b>26</b>
<b>2.4 “O Sobrado” .....</b>	<b>29</b>
<b>2.5 Expansões do Continente e a história da família Caré.....</b>	<b>35</b>
<b>3 HISTÓRIA E LITERATURA .....</b>	<b>40</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre os aspectos históricos e literários presentes no romance histórico *O Continente*, volume I de Érico Veríssimo, publicado em 1949 e verificar as relações entre a História e a Literatura. Inicialmente, a motivação da realização desta pesquisa residia no interesse pessoal sobre a Guerra Cisplatina, fato histórico que teve como palco da sua principal batalha minha cidade natal, a batalha do Passo do Rosário. Cresci assistindo à dramatização teatral que os militares do 4º RCC de Rosário do Sul realizavam, todo 20 de fevereiro, em homenagem a este evento e aos homens que deram a vida pela proteção do nosso chão. Em *O Continente*, este e tantos outros eventos históricos que fazem parte da fundação do Rio Grande do Sul e do universo que Érico Veríssimo escreveu, são convites irresistíveis à leitura e à pesquisa das origens do nosso orgulhoso povo.

A série de livros de *O tempo e o vento* foi publicada entre 1949 e 1961, considerada por muitos como a obra definitiva do estado do Rio Grande do Sul, e já foi prestigiada com adaptações para televisão e cinema.

*O Continente*, v. I, narra a história da família Terra Cambará ao mesmo tempo que ilustra a fundação do Rio Grande do Sul e relata, através da ficção, o período entre 1745 a 1895, desde a execução do Tratado de Madri até a Revolução Federalista, período dos inúmeros conflitos e guerras que acompanharão as tramas da obra através dos saltos no tempo que o narrador utiliza para explicar as origens do clã que o protagoniza:

O Continente constrói-se a partir da costura de todas essas linhas, segundo um desenho altamente elaborado. Sua estrutura refinada não impede, contudo, a compreensão dos fatos narrados, porque o escritor nunca perde o controle sobre a composição do romance. Graças à maestria com que o elabora, possibilita maneiras diversificadas de entendê-lo, multiplicando as possibilidades de dialogar com ele e apreciá-lo. (ZILBERMAN, 2014, p. 8)

*O Continente* dialoga diretamente com as raízes do povo riograndense, e resgata no decorrer da narrativa a historicidade de uma sociedade que se ergue a partir do processo de colonização, e logo depois, precisa lutar pela sobrevivência nos diversos conflitos que invadem suas fronteiras.

Tendo como objeto de estudo uma obra de tal relevância e magnitude, a análise proposta neste trabalho busca esclarecer e oferecer uma nova perspectiva sobre a história do povo gaúcho, que em sua grande parte, identifica na primeira obra da trilogia de Érico Veríssimo a representação dos ideais sulistas do século XVIII e XIX. Sendo assim, espera-se que este trabalho ofereça ao leitor suporte histórico e literário para que se possibilite a interpretação da história do Rio Grande do Sul sob uma nova perspectiva, ultrapassando os limites da ficção e

da realidade e buscando recursos em alguns importantes conceitos do estudo da historiografia e da literatura.

Além de reconstruir a história da fundação do Rio Grande do Sul, Érico Veríssimo incorpora ao *Continente* a representação da sociedade e o modo de viver gaúcho durante o período, e esta é uma das maiores e mais perceptíveis verossimilhanças com a realidade histórica. A recriação do mundo real na forma de uma ficção que interage diretamente com personagens e acontecimentos históricos nos possibilita a realização de uma análise geográfica, política e social, pois ela também está diretamente relacionada com a constante reorganização social da época e principalmente, com a dignificação do seu povo, prática cultural muito valorizada no Rio Grande do Sul.

No primeiro capítulo deste trabalho, após uma breve introdução e contextualização de *O Continente* v. I, apresentarei reflexões sobre o romance histórico a partir da análise dos elementos que constituem a obra: enredo, personagens, e espaço, estabelecendo relações com os aspectos históricos presentes ou implícitos na construção do universo histórico-ficcional de Érico Veríssimo.

O segundo capítulo é dedicado à discussão e análise da obra sob uma ótica contemporânea, a partir dos conceitos pós-modernistas de Linda Hutcheon de metaficção historiográfica, da Nova História Cultural e da micro-história, bem como dos conceitos de Sandra Jatahy Pesavento sobre História e Literatura, buscando estabelecer sua relação no processo de construção do *Continente*.

## 2. UM OLHAR SOBRE *O CONTINENTE V. I.*

O autor Érico Veríssimo está enquadrado nos “romances de 30”, que vieram após a Semana de Arte Moderna de São Paulo (1922), de acordo com Bosi (1994, p. 392). Trabalhou com romances urbanos e rurais, alcançando uma voz que trouxe identificação ao restrito público leitor da época. Veríssimo conheceu o sucesso ainda em vida e um dos principais romances que encantaram o seu público é *O Tempo e o Vento*. Gaúcho nascido em 1905 no município de Cruz Alta, passou a maior parte da sua vida morando em Porto Alegre. Morou durante um tempo nos Estados Unidos, quando assumiu a direção do Departamento de Assuntos Culturais, em Washington. Faleceu aos 69 anos, em 28 de novembro de 1975 em Porto Alegre.

Este capítulo é direcionado à análise de aspectos estruturais e dos elementos narrativos presentes em *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo. Por tratar-se de um romance histórico, é imprescindível que utilizemos nesta análise conceitos como verossimilhança, intenção ficcional, manipulação da realidade e da história, na tentativa de compreender as estratégias narrativas de Veríssimo na criação de um universo tão historicamente rico, coerente e completo como o de *O Continente v. I.* O conceito de verossimilhança parte de Aristóteles, na *Poética*, e foi apropriado pela historiadora Pesavento. Sendo essa uma obra de tão grande notoriedade, e até mesmo uma das muitas responsáveis por sedimentar e fixar a figura mitológica do gaúcho no imaginário e na cultura do Rio Grande do Sul, seria reducionista qualquer análise de viés exclusivamente literário ou exclusivamente histórico, uma vez que é praticamente impossível (e uma grande perda) separar os retalhos que Veríssimo cuidadosamente costurou no enredo da obra.

O enredo inicia ao posicionar o leitor no meio de um confronto entre federalistas que ocuparam a cidade e estão na igreja, atacando Licurgo Cambará, o intendente republicano de Santa Fé, cercado em sua propriedade (capítulos *O Sobrado I, II, III e IV*) durante a Revolução Federalista de 1893-1895, antes de saltar mais de um século no passado para explicar as origens do povo riograndense e principalmente, da família Cambará. O volume I da obra *O Continente* é dividido em quatro capítulos: “A Fonte”, “Ana Terra”, “Um certo Capitão Rodrigo” e “O Sobrado”, que se subdivide em quatro: *I, II, III e IV*. À primeira constrói *O Continente* a partir de uma estratégia narrativa relativamente nova na época de publicação de *O Tempo e o Vento*, a obra é organizada através da técnica do contraponto, que entrega recortes da história conforme guia o leitor em saltos através do tempo e do espaço que interrompem a narrativa principal a

todo momento, causando a ruptura cronológica dos acontecimentos da trama. Dessa maneira, a narrativa do cerco em Santa Fé é desenvolvida em paralelo, nomeada “O Sobrado”, composta por quatro partes que intercalam as outras três novelas e narra o clímax e o desfecho do enredo, que resultará na Revolução Federalista de 1893. Também intercalada, temos a história, em itálico, no final de alguns capítulos, da família Caré, que culmina com a de Ismália Caré, que será amante de Licurgo por toda a sua vida.

## 2.1 “A Fonte”

“A Fonte” narra a história de Pedro Missioneiro, o menino criado aos cuidados do cacique d. Rafael e que encontrou a figura de seu mentor no padre jesuíta Alonzo, que o nomeou na noite do seu nascimento, após o parto realizado às pressas que levou a vida de sua mãe, uma índia encontrada por trabalhadores durante o trabalho de parto. Apesar de órfão, Pedro cresce saudável sob o olhar e tutoria de Pe. Alonzo, e mostra-se um rapaz incrivelmente inteligente e talentoso, além de desenvolver uma fortíssima ligação com o catolicismo. Mais tarde, como nunca conheceu a mãe, afirma que via sua mãe morta em visões, e que ela era a própria Virgem Maria. O passado de Pe. Alonzo também é explorado através de diálogos em que ele narra como se tornara um padre, motivado pela culpa de um crime que quase cometeu. O capítulo termina na fuga de Pedro a cavalo durante a invasão dos portugueses.

As personagens Pedro e Alonzo são os destaques deste capítulo, Pedro na figura do herói e o padre jesuíta na posição de anti-herói com suas falhas de caráter. Érico Veríssimo personifica no jovem missioneiro aspirante aquilo que Alonzo – e quando digo Alonzo, refiro-me ao modo com que os jesuítas em geral são representados na obra – sonhava ver: a materialização do homem ideal; bondoso, pacífico, inteligente, talentoso, intocado pelas luxúrias contra as quais o próprio padre lutava diariamente dentro de si mesmo, e acima de tudo, temeroso a Deus. Essa é a maior motivação do apreço de Alonzo por Pedro, que desde menino fora educado conforme as diretrizes da igreja cristã:

Pedro tinha em geral uma vida ativa: aprendia ofícios, doutrina cristã, música; lia em voz alta as Escrituras Sagradas em latim, à hora em que os padres ceavam; não raro ajudava os índios a limpar o trigo e, enquanto fazia isso, cantava com eles. Aos domingos, com outros coroinhas, acolitava o cura na missa. Fazia também parte do coro; representava nos autos e durante as festas tomava parte nas danças. (VERÍSSIMO, 2004, p. 47)

Apesar de tratar-se de uma narrativa que a princípio é totalmente verossímil quando se vê pelo pano de fundo histórico, ela não apenas idealiza a sociedade dos Sete Povo das Missões como

cria também em Pedro a mitificação do cristão. Além de ser dono de um caráter com traços exclusivamente positivos e admiráveis, a personagem é criada em torno de uma série de misticismos que dialogam diretamente com o cristianismo. Frequentemente Pedro encontrava-se embriagado por suas visões e é envolto por uma aura que o recorta dos fatos e destaca sua devoção aos símbolos da igreja, ato que por sua vez, é um elemento importante da formação de seu caráter e sua ideologia.

Muito cedo Pedro travou conhecimento íntimo com o diabo. Nas aulas de doutrina ouvia histórias sobre anjos bons e anjos maus. Passou, então, a vê-los muitas vezes em seus sonhos e nas suas elucubrações. Dificilmente conseguia distinguir as coisas que imaginava ou sonhava das coisas que realmente via quando estava acordado. (VERÍSSIMO, 2004, p. 56)

A própria história do Rio Grande do Sul também tem participação e influência na construção do *ego* de Pedro, visto que o Tratado de Madri é um dos elementos que age como pano de fundo histórico da novela, e traz Sepé Tiaraju, uma de suas maiores admirações. Desde criança Pedro imita seu herói, finge ser ele e revive os feitos do revolucionário em imaginação. Acaba por ser este um dos fatores que de certa maneira, serve de motivação ao seu anseio de tornar-se um homem bondoso e digno do amor do Criador. Com êxito em realizar esta “simples” ambição, Pedro retornará adulto na novela de Ana exercendo exatamente o mesmo papel de contraste, mas desta vez mais relacionado com o ego de outros homens.

Alonzo, por sua vez, revela-se um personagem tão complexo quanto Pedro, e composto por muitas nuances e detalhes que o colocam em conflito com seu próprio eu. É mais próximo categorizá-lo como um anti-herói, pois diferente de Pedro, ele possui falhas no seu caráter, ainda que no decorrer da narrativa ele as supere com facilidade, o que poderia ser rápido demais para o leitor, a princípio, mas Alonzo é representado de maneira tão bondosa e altruísta que o leitor sem querer acaba relevando os pormenores heréticos de seu passado. É construído inicialmente em torno da culpa e da busca por redenção na casa de Deus, sente-se um criminoso até o seu âmago, e em seus pensamentos trava uma guerra com o seu passado e com o lado sombrio que nascera ao planejar o assassinato de um homem, um outro Alonzo o atormentava, como na noite em que ele tocou outra vez o punhal que quase o tornou um criminoso:

[...] Concluiu que sua lâmina era fria. Fria e má. Imaginou o horror de sentir nas mãos o sangue do outro, quente como uma coisa viva. Pensou na agonia das horas que se seguiriam ao crime, nas noites de insônia, no remorso a espicaçar-lhe a consciência, no horror e na vergonha da família e finalmente nas torturas do inferno, onde sua alma iria expiar, pelos séculos dos séculos, não só o crime de homicídio como também o pecado da luxúria. Alonzo então usou os cinco sentidos para criar o inferno e imaginar-se dentro dele. Ouviu seus próprios gritos de dor, os berros e as blasfêmias dos outros condenados que vociferavam coisas obscenas, vituperando Cristo e a Virgem... Sentiu o cheiro de carne queimada, o fedor pútrido de corpos em decomposição. Viu pecadores a se estorcerem, esfolados, purulentos, chamuscados, dilacerados, carbonizados — mas vivos, vivos sempre, sofrendo sempre. Sentiu na própria carne a dor que as

queimaduras produziam. Tinha pecado: estava perdido para toda a eternidade. O suor escorria-lhe pelo rosto, pelo torso, e de olhos cerrados Alonzo debatia-se sempre no inferno. Não havia mais salvação. (VERÍSSIMO, 2004, p.39)

Configura-se a partir daí, uma das estratégias narrativas mais conhecidas dos romances, o uso da redenção como ferramenta para atingir o leitor por meio da identificação e da empatia. Apesar de Alonzo sentir-se dessa maneira, no desenrolar da “Fonte” o jesuíta se mostrará como o dono de um coração inquestionavelmente bondoso e altruísta, livre de qualquer sentimento que não seja digno das posições que ocupa: líder religioso que se sente responsável por aqueles que precisam da iluminação de Cristo, e o mentor daquele que até então, é a cria da doutrina das Missões, a personificação de um herói mítico que herdou e que carrega a vontade do Senhor.

Diferente da verdadeira Espanha do Século XVIII, que se preocupava com conflitos políticos por poder e riqueza, Alonzo não possuía ambição que prevalecesse sobre o bem do próximo, o convívio em harmonia e muitas vezes encontrava-se em outro conflito: o ideal que acreditava ser o propósito da igreja, e a deturpação deste ideal pelos interesses da coroa Espanhola. Sonhava com a concretização da sociedade prometida nos evangelhos, na qual “os homens são livres da escravidão, consegue-se a igualdade entre as criaturas e faz-se a paz e a felicidade universal ”(VERÍSSIMO, 201, p. 45.), apesar de não acreditar que existisse outra pessoa no planeta que pudesse pensar como ele, mas tinha esperança na suprema justiça de Deus, que através da religião livraria o mundo dos pecados dos homens que destroem e corrompem a sociedade por sua luxúria e interesses próprios, mesmo que seja necessário implementar governantes religiosos com punho de ferro, desde que não cedessem à tentação do poder. Entretanto, o próprio padre Alonzo tinha suas dúvidas, pois acreditava na justiça divina, mas não nos homens, ainda que eles vistam batinas e rosários. Como outro elemento agravante dos conflitos internos do jesuíta, ainda havia a disputa entre Portugal e Espanha pelo território da margem do Uruguai, o Tratado de Madri que entrava em vigor, e desesperava o padre não só pelo terror da guerra, mas pelo fato de acreditar que todas estas disputas entre países se resumiam na falta da presença de Deus:

Por que países como Portugal e Espanha viviam sempre em guerras? Era porque faltava entre os povos separados por línguas e costumes diferentes um elemento de unidade espiritual. Esse elemento de unidade, esse denominador comum das almas só poderia ser um: o temor e o amor a Deus. Era em nome de Deus que eles, soldados da Igreja, tinham de lutar. E não haviam de recuar diante de nenhum obstáculo. O fim era bom: todos os meios para chegar a ele seriam necessariamente lícitos. (VERÍSSIMO,2004, p. 45)

Alonzo jamais trai seus ideais religiosos e humanitários apesar de seus anseios e conflitos, sejam estas angústias sobre si mesmo ou sobre o papel da religião e os interesses da Espanha, e atinge o ápice de sua redenção e encontra seu fim durante a invasão dos portugueses na

execução do Tratado de Madri, quando os Sete Povos são entregues a Portugal como moeda de troca pelo controle da Colônia de Sacramento.

Em relação ao tempo e ao espaço, temos que a história se passa durante o século XVIII, precisamente em 1745 e avança suavemente conforme acompanhamos o crescimento de Pedro e da sua forte relação com Pe. Alonzo e os dogmas dos padres jesuítas na missão de catequização dos índios do território que até o momento, pertencia à Espanha. O capítulo encerra em 1756 com a tomada dos Sete Povos das Missões pelas tropas portuguesas.

*O Continente* retrata os Sete Povos das Missões de maneira muito distante da realista, a qual é estabelecida sob uma sociedade composta por duas principais classes sociais que gozam de uma simbiose tão eficiente que é fantasiosa. É claro, deve-se levar em consideração que a história é narrada pela perspectiva da igreja, pois se fizermos um pouquinho de esforço para simplificá-la, podemos dizer que se trata do retrato do modo de viver – ou como gostariam que tivessem vivido, na realidade – dos jesuítas do século XVIII. De um lado, temos a classe dos jesuítas, religiosos e organizadores desta sociedade vitoriosa em que todos possuem um papel a exercer nas terras de Deus; de outro temos os índios convertidos, já não mais tratados como selvagens e que correspondem à classe trabalhadora que movimenta principalmente o comércio das Missões e que eram responsáveis pela tão bela harmonia de convívio que o Pe. Alonzo tanto adorava relatar aos seus pares da Espanha:

Quando escrevia à Espanha, Alonzo nunca deixava de elogiar a organização das reduções, que, à maneira das povoações espanholas, era governada por um cabildo, para o qual os índios escolhiam em eleições anuais o corregedor, os regedores, os alcaides, o aguazil-mor, um procurador e um secretário. Contava-lhes também como os indígenas aprendiam, através de lições práticas e vivas, que o indivíduo pouco ou nada vale fora da coletividade a que pertence. Toda a produção das lavouras e estâncias de gado das reduções pertencia à comunidade, e os bens de consumo eram distribuídos igualmente entre todos. A gente dos Sete Povos não conhecia nenhuma moeda, pois ali vigorava um regime de permutas. Do dinheiro apurado na venda de erva-mate e outros produtos que exportava para o Rio da Prata, pagava impostos ao rei de Espanha, sendo o resto empregado na compra de instrumentos de trabalho, alfaias e outros objetos para as igrejas. O que sobrava era finalmente remetido aos cofres da Sociedade de Jesus, em Roma. (VERÍSSIMO, 2004, p. 41)

Entretanto, o papel da igreja não se limita apenas à conversão dos nativos e na introdução dos “bons costumes europeus”, como Alonzo frequentemente relata aos espanhóis, tampouco na concretização das ambições humanitárias do bondoso padre, pois a igreja neste universo representa o principal alicerce de sustentação desta sociedade harmônica e próspera. As Missões, a sua sociedade e os seus habitantes não são representados desta maneira por coincidência, ou sequer por mérito de seus cidadãos, eles só são assim porque a igreja está lá, iluminando as ações dos que antes eram selvagens e guiando-os para o surgimento de um povo

melhor, abençoado e apadrinhado pela coroa Espanhola, apesar de sabermos que historicamente, a Espanha tinha outras prioridades, na realidade.

A focalização oscila entre os dois principais personagens deste capítulo, Pedro e o Pe. Alonzo. Quando estamos na perspectiva de Alonzo, descobrimos sobre seu passado sombrio através de seus monólogos interiores ou diálogos com o Pe. Antonio e Pedro, além das suas preocupações com os conflitos que rodeiam o território das Missões e seu anseio na construção de uma sociedade baseada na igualdade entre os homens, e sustentada pelos pilares da religião, governada por homens temerosos a Deus e acima de tudo, intocados pela sede de riqueza e poder. Era cético quanto a isso, apesar de não abandonar seu ideal jamais. Frequentemente era assombrado por sonhos alimentados pela culpa de quase ter assassinado o marido de uma mulher com quem se envolvera durante sua juventude, crime que não se consumou, pois a vítima faleceu enquanto Alonzo o esperava na porta de casa para matá-lo. Com absoluta eficiência, é transmitido ao leitor o peso de sua consciência, e o terror do tormento que toma conta de Alonzo quando vê o armário onde ainda guarda a arma do seu quase crime, um punhal de prata.

Quando estamos com Pedro, acompanhamos seu crescimento e sua paixão pela doutrina dos padres jesuítas, apesar de ser um mestiço de índio e branco. Através de seus pensamentos e visões, desenvolve-se sua forte ligação com a religião, frequentemente relatada com grande misticismo e paixão. Sob os cuidados de seu educador e mentor, torna-se coroinha e frequentemente tinha sua atenção capturada pelo contraste entre os dois mundos em que transitava, o dos padres de batinas negras e o dos índios que ajudava durante o trabalho na lavoura. Pedro gostava também de aventurar-se na floresta tal como seu herói, Sepé Tiaraju, líder revolucionário conhecido e que estava sempre nas notícias que chegavam ao povoado.

Durante os acontecimentos da “Fonte”, o Tratado de Tordesilhas ainda está em vigor. A narrativa acontece poucos anos após os espanhóis erguerem os Sete Povos das Missões em 1682 em resposta à coroa portuguesa que em 1680, havia fundado a Colônia de Sacramento na busca da expansão do seu território. Além da expansão territorial, a Espanha despertava interesse pelo controle da rota marítima do Rio da Prata, o qual Portugal e Inglaterra utilizavam para comércio ilegal em toda a América Latina, disputa que mais tarde resultaria na Guerra da Banda Oriental em 1734, no território onde hoje encontra-se o Uruguai. Alguns acontecimentos históricos importantes são mencionados durante o capítulo, como por exemplo, a execução do Tratado de Madri, que concedia aos Portugueses o território das Missões em 1750 em troca da recém-fundada Sacramento, um ponto estratégico militar que garantia vantagem ao exército português.

contra os castelhanos e a bacia do Amazonas. Este importante acordo é um dos fatos históricos mais relevantes da história do Rio Grande do Sul, e resultará nos parâmetros de estabelecimento das fronteiras do território brasileiro atual.

Neste momento da história e da colonização, o Rio Grande de São Pedro representava à coroa portuguesa uma terra de riquezas, e aos colonizadores, uma oportunidade de vida nova, pois começava-se a organizar uma estrutura de comércio e de produção de manufaturas. Após a batalha de Caiboaté e com a morte de Sepé Tiaraju, a coroa portuguesa poderia concentrar seus esforços e recursos apenas na reconstrução da terra que fora abandonada pelos Jesuítas, iniciando desta maneira, um enorme movimento de criação de estâncias, que mais tarde seriam doadas aos aliados da coroa, em sua maior parte, políticos e membros do alto escalão militar da coroa. Portugal ainda oferecia incentivos aos colonizadores como forma de proteger seus interesses, estabelecendo suporte para o surgimento de várias estâncias, principalmente durante os períodos em que a Espanha mantinha controle sobre a Colônia de Sacramento, que fora muito disputada entre as duas coroas e que foi destruída e reconstruída muitas vezes, mas que durante os momentos que estava sob controle espanhol impedia o avanço da colonização portuguesa. Neste período, Portugal começava a implantar um sistema de regulamentação dos impostos e construía aos poucos uma estrutura de comercialização das manufaturas do Rio Grande, o que se mostrou uma estratégia comercial e militar, pois desta maneira aumentava seus índices de produção e expandia seu território ao mesmo tempo.

A partir deste recorte histórico Érico Veríssimo recria nos seus personagens momentos importantíssimos da fundação do Rio Grande do Sul, e traz à luz da literatura muitos processos que serão cruciais na consolidação dos aspectos sociais e culturais que darão forma ao solo e ao povo gaúcho, conforme veremos ainda neste trabalho quando estabelecermos as relações entre história e literatura. No fim do capítulo, precisamente em 1756, os habitantes dos Sete Povos das Missões ateiam fogo na catedral e em suas casas, na esperança de arruinar os espólios da vitoriosa Portugal, apesar da tentativa falha de resistência de Tiaraju e seus guerreiros e para o desespero de Padre Alonzo. Pedro foge a cavalo com o punhal de prata do seu mentor para reaparecer no próximo capítulo.

## **2.2 “Ana Terra”**

Apesar de possuir poucos personagens e poucos ambientes, “Ana Terra” é o capítulo com maior carga dramática em *O Continente*. Érico Veríssimo narra a vida da personagem

principal que dá nome ao capítulo, filha de um estancieiro imigrante de São Paulo que veio tentar a vida no Rio Grande do Sul. A narrativa articula todos os elementos que constroem Ana: a solidão, a tristeza da vida em um lugar isolado, a paixão arrebatadora por um forasteiro misterioso, e a angústia de ser assim como sua mãe, uma refém das regras do pai, Maneco Terra. Desse modo, assim como a protagonista, o leitor afoga-se em emoções que quase beiram os exageros do Romantismo, apesar da estrutura modernista da obra. Ainda no início de sua história, Ana apaixona-se perdidamente pelo recém-chegado Pedro Missioneiro, que procura abrigo na propriedade dos Terra e, nesse momento, inicia a cadeia de tragédias que acometerá a protagonista no desenvolver do enredo. O índio é descrito como mestiço: “A tez do desconhecido era quase tão acobreada como a dos índios, mas suas feições não diferiam muito das de Antônio ou Horácio.” (VERÍSSIMO, 2004, p. 90) Nessa descrição, o narrador o aproxima das características físicas dos Terra, de uma certa forma, fazendo com que o estrangeiro tivesse aparência quase de um branco. Pode-se analisar que o narrador, aqui, suaviza a diferença étnica do índio com os imigrantes portugueses, que são a ascendência dos Terra.

A primeira delas tem origem na morte do amado de Ana Terra, após Maneco Terra descobrir a gravidez da filha. Maneco ordena que Horácio e Antônio, irmãos de Ana levem Pedro para longe, e o missioneiro nunca mais retorna. Ana é obrigada a conviver com o desprezo do pai e dos irmãos, apoiada apenas por d. Henriqueta, sua mãe, até a invasão dos saqueadores castelhanos poucos anos depois, quando são mortos todos os homens da casa e a estupram violentamente. Sua permanência no rancho, junto ao pai e irmãos, salva a cunhada e as crianças, restando Ana como a única mulher na casa. É um sacrifício racional que revela como a personagem encara os horrores que ocorrem na sua vida: assume seu protagonismo e não deixa que os infortúnios a desesperem. Sabe que dela dependem as crianças e Eulália, a cunhada. O capítulo termina quando Ana e Pedro, seu filho, juntamente com a cunhada e sua sobrinha, se estabelecem permanentemente em Santa Fé, sendo descritos os primeiros momentos de sua vida no povoado.

O drama de Ana Terra, que mais tarde se tornaria a matriarca da família Terra Cambará, inicia aos seus 25 anos, filha de Maneco Terra e d. Henriqueta, imigrantes paulistas que migraram para o Rio Grande do Sul na época das conquistas de terra dos estancieiros sobre os índios e espanhóis. Maneco viera em busca de terras para plantar e criar gado, assim como seu avô e seu pai, na esperança de uma vida melhor, conforme a promessa que ouvira desde criança em São Paulo. Ana é representada como uma mulher forte que, apesar de solitária e muitas vezes abalada pelas circunstâncias que a vida lhe impunha, escreve com sucesso o seu próprio

destino, após as inúmeras tragédias que a acometeram. Ana sentia-se profundamente incomodada pela vida que tinha no rancho: o trabalho duro que diariamente castigava seu corpo não representava uma fração do sentimento de angústia e solidão que sentia:

Ana só via a seu redor quatro pessoas: o pai, a mãe e os irmãos. Quanto ao resto, eram sempre aqueles coxilhões a perder de vista, a solidão e o vento. Não havia outro remédio — achava ela — senão trabalhar para esquecer o medo, a tristeza, a aflição... Acordava e pulava da cama, mal raiava o dia. Ia aquecer a água para o chimarrão dos homens, depois começava a faina diária: ajudar a mãe na cozinha, fazer pão, cuidar dos bichos do quintal, lavar a roupa. Por ocasião das colheitas ia com o resto da família para a lavoura e lá ficava mourejando de sol a sol. (VERÍSSIMO, 2004, p. 74)

Assim como d. Henriqueta, sua mãe, ansiava por liberdade, não apenas de Maneco Terra, que as tratava como criadas, mas também pelo estilo de vida urbano. Ana queria ver lugares, queria ver pessoas. Oportunidades aconteciam, a maioria delas durante as viagens que seu irmão fazia à cidade para negociar os suprimentos que produziam na estância, mas Maneco nunca lhe permitiu que o acompanhasse. Ana sentia-se solitária também afetivamente, sonhava com um casamento que a libertaria da submissão de seu pai, pois não queria o mesmo sofrido da mãe. Os ventos que mudariam o curso do seu destino chegam com Pedro Missioneiro, o índio de feições brancas que encontrara ferido no rio e que representaria o contraste perfeito em relação aos homens com os quais convivia. Maneco Terra a princípio planeja expulsar Pedro assim como fazia com todos os visitantes do rancho, mas o rapaz mostra-se habilidoso nas tarefas do campo, trabalhador e confiável, conquistando a confiança de Maneco e o coração de Ana com o passar do tempo. Pedro Missioneiro passa a residir em uma cabana que constrói nas terras de Maneco, onde permanece isolado e raramente comunica-se com o restante da família fora dos horários de trabalho, afinal “a noite foi feita para se dormir” (VERÍSSIMO, 2014, p.74) conforme dizia Maneco Terra. A exceção a isso ocorria nas vezes em que Pedro juntava-se à família para contar histórias ou tocar flauta, que expunha o refinamento cultural que herdara de sua criação sob tutela dos padres jesuítas nos Sete Povos das Missões, capturando a atenção de Ana e evidenciando o contraste entre os homens que viviam à sua volta e o recém-chegado:

Pedro sentou-se, cruzou as pernas, tirou algumas notas na flauta, como para experimentá-la, e depois, franzindo a testa, entrecerrando os olhos, alçando muito as sobrancelhas, começou a tocar. Era uma melodia lenta e meio fúnebre. O agudo som do instrumento penetrou Ana Terra como uma agulha, e ela se sentiu ferida, trespassada. Mas notas graves começaram a sair da flauta e aos poucos Ana foi percebendo a linha da melodia... Reagiu por alguns segundos, procurando não gostar dela, mas lentamente se foi entregando e deixando embalar. Sentiu então uma tristeza enorme, um desejo amolecido de chorar. Ninguém ali na estância tocava nenhum instrumento. Ana não se lembrava de jamais ter ouvido música de verdade naquela casa. Às vezes um dos irmãos assobiava. Ou então eram as cantigas tristonhas e desafinadas de sua mãe. Ou dela mesma, Ana, que só cantava quando estava sozinha. Agora aquela melodia, tão bonita, tão cheia de sentimento, bulia com ela, dava-lhe um aperto no coração, uma vontade danada de... (VERÍSSIMO, 2004, p. 83)

A partir daí, Ana começa a desenvolver sentimentos conflitantes em relação a Pedro, o desprezo e a repulsa que sentia misturavam-se com a fascinação e a admiração que tinha pelo rapaz, e limitava-se apenas a suspirar e observá-lo sem sequer trocar palavras, resultando numa espécie de amor e ódio platônicos, que nem ela conseguiria explicar em palavras. Um dia, às margens do rio em que o encontrara, Ana entrega-se a Pedro pela primeira vez, e estes encontros se repetem, resultando na gravidez que traria enorme felicidade e desespero à protagonista.

Ao contrário de Pedro, que se fascinava com a ideia da gravidez de Ana e que via neste ato o cumprimento de seu destino, a protagonista começa a entrar em uma cadeia de catástrofes, a primeira delas sendo a morte de seu amado, que ele já tinha previsto de antemão. Ao ouvir Ana contar à mãe sobre sua gravidez, Maneco Terra ordena que seus dois filhos assassinem Pedro e o enterrem longe do rancho, e a partir daí, passa a tratar Ana com frieza, desprezo e indiferença. Ana se vê ainda mais perdida do que antes, mas encontra forças quando decide viver pelo filho e para o filho, a quem dá o nome do pai: Pedro Terra. Pedro cresce sofrendo o mesmo desprezo e indiferença que o avô tinha por Ana, e tornavam-se ainda mais expoentes conforme apareciam as semelhanças físicas com seu pai, mas acaba por conquistar o velho Maneco ao demonstrar perspicácia e entusiasmo pela recente plantação de trigo, que era um sonho acalentado por Maneco. Após a morte de d. Henriqueta, Ana e o menino Pedro passam a conviver de modo mais pacífico com Maneco Terra, que volta a falar com a filha e desenvolve apego pelo neto. Horácio casa-se e vai morar na cidade, enquanto Antônio casa-se com Eulália e passa a viver no rancho.

Após um breve momento de convívio em certa harmonia, outra vez o vento sopra uma tragédia sobre Ana: o rancho dos Terra é invadido por castelhanos, que saqueiam a propriedade, assassinam todos os homens da casa, e dão início a mais um ato de desespero de Ana. Ela ordena que Pedrinho, a cunhada Eulália e sua sobrinha escondam-se dos bandoleiros e toma a iniciativa de ficar no rancho, se sacrificando na tentativa de que os castelhanos não procurem Eulália e as crianças, e como era previsível, acaba sendo violentada pelos agressores entre inúmeros desmaios.

Quando voltou a si, o sol estava a pino. Ergueu-se, devagarinho, estonteada, com um peso na cabeça, uma dor nos rins. Olhou em torno e de repente lembrou-se de tudo. No primeiro momento teve a sensação de estar irremediavelmente suja, desejou um banho e ao mesmo tempo quis morrer. Tinha ainda nas narinas o cheiro daqueles homens nojentos. Levantou-se lentamente, gemendo. Aquela hora o clarão do sol tinha uma intensidade que fazia mal aos olhos. [...] Era melhor morrer, morrer numa vez, decidiu de repente. Lembrou-se dos homens que se haviam cevado no seu corpo, e sem pensar, num assomo de desespero, atirou-se no poço. A água ali cobria um homem alto. Ana deixou-se ir ao fundo, mas instintivamente fechou a boca, apertou os lábios, começou a bracejar, veio à tona e por fim agarrou-se numa pedra. (VERÍSSIMO, 2004, p. 109)

Ana tem sua força de vontade abalada e seu espírito quebrado, até tenta o suicídio, mas falha e recupera sua vontade de viver no alento de ver seu filho a salvo e na liberdade que agora teria para tornar-se dona de seu destino, viver conforme suas próprias regras. Com a chegada de viajantes, liderados por um comerciante àquela terra arrasada, Ana desenterra o dinheiro das vendas que Maneco Terra realizara e parte de carona com Eulália e as crianças numa viagem que duraria meses em busca de um novo recomeço num vilarejo que estava ainda em formação nos campos do cel. Amaral, e que mais tarde se tornaria a cidade de Santa Fé. Ana encontra seu lugar na sociedade do vilarejo ao tornar-se parteira de renome no povoado de Santa Fé, utilizando a velha tesoura que sua mãe usou para cortar o cordão umbilical do próprio Pedro, e dedica o resto de seu tempo no trabalho na lavoura e na roca de fiar de d. Henriqueta, que conseguiu trazer do rancho destruído onde morava.

Mesmo ao parecer relativamente satisfeita com a vida que tem agora, apesar de ainda não ser exatamente a vida urbana com que sonhava nas tardes de trabalho no rancho dos Terra, a personagem entra em mais um momento de agonia que abala outra vez a sua paz de espírito quando Pedro, agora com quase 20 anos de idade e que acabara de anunciar o noivado com Arminda, uma moça por quem se apaixonou, é convocado pelo cel. Amaral para compor uma força militar para repelir os castelhanos outra vez, durante mais um conflito entre Portugal e Espanha:

Exatamente no dia em que Pedro Terra anunciou seu noivado com Arminda Melo, chegaram ali os primeiros boatos de guerra. Dias depois o coronel Ricardo apareceu montado no seu cavalo e expôs a situação. Chegara à sua estância um próprio trazendo um ofício em que o governador do Continente lhe comunicava que tinha armamento para uns quarenta homens e que levaria de sua estância vinte escravos e dez peões, e esperava arregimentar mais uns doze ou quinze soldados ali nos ranchos. Os habitantes do lugar escutaram-no em silêncio. Antes de se retirar, o coronel Amaral gritou, de cabeça erguida, como se estivesse falando com Deus: — O recrutamento é obrigatório. São ordens do governo! — As mulheres então desataram o pranto, havia um ar de desastre e luto em todas as caras. (VERÍSSIMO, 2004, p.120)

Ana sofre durante a espera do retorno do filho, e por algumas vezes, se vê como um reflexo de sua mãe, que vivia em circunstâncias diferentes, mas iguais, de certa maneira, e passa até mesmo a usar expressões que a velha d. Henriqueta frequentemente utilizava, como “noite de vento, noite dos mortos” (VERÍSSIMO, 2004, p.158), por exemplo. Apesar das suas preocupações, tinha fé no retorno em segurança do filho, e confiava na intuição de que o veria outra vez. E assim aconteceu, Pedro retornou e casou-se finalmente com Arminda, com quem teve dois filhos: Juvenal e Bibiana, que dariam continuidade ao clã de Ana Terra, que agora começava a tomar forma ao criar suas raízes no povoado de Santa Fé.

Algum tempo depois do retorno de Pedro, Eulália, cunhada de Ana Terra, casou-se com um homem do povoado, e sua filha Rosinha havia noivado com um dos homens do cel. Amaral. Desfrutaram de um breve período de paz, até o início de mais um conflito, no qual outra vez Pedro fora convocado para enfrentar os castelhanos, deixando à sua mulher, sua mãe e aos seus dois filhos, a promessa do seu retorno a salvo.

O capítulo de “Ana Terra” inicia em meados de 1777, num rancho no interior da campanha riograndense, sem localização precisa. Nada é preciso nesse capítulo, pois exatamente a falta destes dados concretos é que são responsáveis pela profundidade do enredo e principalmente dos personagens. Ana cresce em um cafundó onde não existe relógio nem calendário, pois coisas como essas são apenas pormenores na história que Érico Veríssimo escreve. A solidão de Ana é construída através destes elementos, da falta de precisão nas datas, das horas adivinhadas pelo sol, das estações adivinhadas pelo vento e nas relações que têm com sua família, principalmente Maneco Terra.

O segundo momento do capítulo acontece por volta de 1790 no povoado que ascenderá como a cidade de Santa Fé. Durante esta segunda etapa, o enredo informa datas mais precisas, pois não há mais a necessidade de transmitir ao leitor o ambiente de desolação no qual Ana Terra inicia a saga, pois com o amadurecimento da personagem, temos novas problematizações, novos enfoques. As datas, por exemplo, na maioria das vezes são entregues através de conflitos bélicos, posicionando o enredo entre uma guerra e outra, pontuando a passagem do tempo como um marcador de páginas e sinalizador das evoluções que a protagonista sofre conforme o desenrolar do drama.

No final da trilogia *O Tempo e o Vento* conhecemos que o narrador é o Floriano, filho do Dr. Rodrigo Cambará, neto de Bibiana, ou seja, é um narrador que participa da diegese, só que ele, de fato só está nessa situação no último volume, *O Arquipélago*. Conforme Aguiar e Silva, Floriano encaixa-se no perfil do narrador “que não é co-referencial com nenhuma das personagens da diegese, [...] não participa, por conseguinte, da história narrada. [...] Pode manifestar-se como um ‘eu’ explícito ou como um narrador apagado, de ‘grau zero’ (AGUIAR E SILVA, 1988, p. 761). Desta maneira, podemos caracterizar tecnicamente que no primeiro volume, *O Continente*, o narrador é heterodiegético onisciente.

A focalização do capítulo está totalmente em Ana Terra, o leitor permanece preso à sua perspectiva durante todo o decorrer do capítulo sem oscilar entre as personagens, causando a aproximação entre nós e Ana, tornando todas as situações às quais ela está submetida mais reais, mais palpáveis, mais impactantes. Este é o capítulo daquela que carrega o ponto de origem da

saga dos Terra Cambará, não há espaço para aprofundamento de outras personagens, pois de certa forma, tiraria de evidência tudo aquilo que o narrador quis representar em Ana Terra: a dificuldade da sobrevivência em uma terra de conflitos constantes, a agonia e a lamúria das mulheres que anseiam pela vida que sequer possuem a liberdade de escolher, e principalmente, a força da mulher que luta pelo seu espaço na sociedade, na família, e conquista sua liberdade do domínio e da violência que sofriam as mulheres durante o século XVIII.

“Ana Terra” acontece durante um período histórico de muita conturbação política e conflitos militares. A data inicial do capítulo coincide com a fundação do Vice-Reinado do Prata, uma célula colonial do Império Espanhol, que temia pelos seus interesses constantemente colocados em risco devido aos conflitos em Montevidéu, Buenos Aires e na Colônia de Sacramento. Além disso, Portugal retoma o controle do território correspondente ao Rio Grande do Sul, enquanto os espanhóis do outro lado do Prata defendem-se das invasões inglesas que ocorreram durante a primeira fase das Guerras Napoleônicas, na qual Espanha e França formaram aliança contra os britânicos. Após defenderem com sucesso o território do Vice-Reinado do Prata e a consolidação militar, surgem lideranças políticas que mais tarde terão papel fundamental na história da América Latina, principalmente na independência de Buenos Aires em 1810 e depois, na Guerra da Cisplatina em 1825.

O Rio Grande de São Pedro acabara de sofrer uma nova reorganização social: para defender-se das constantes invasões dos castelhanos, a partir de 1760 Portugal distribuía cargos militares e administrativos aos estancieiros que dispunham de maior influência e estrutura, resultando numa grande quantidade de exércitos particulares que atuavam na defesa do território, garantindo uma certa autonomia à região durante as ofensivas castelhanas, que não foram poucas. Durante o decorrer do capítulo de “Ana Terra”, muitos destes conflitos são narrados, mas entre os mais importantes, destacam-se as invasões castelhanas em direção a Rio Pardo citada por Juvenal, o confronto que garantirá de vez o território das Missões ao domínio da coroa portuguesa em 1801, e o estabelecimento das fronteiras do território riograndense, que ascenderá ao patamar de Capitania Geral em 1807, passando a ser subordinado diretamente ao Rio de Janeiro, reforçando suas defesas contra ataques estrangeiros.

Ainda que os estancieiros que agora organizavam uma estruturação bélica tinham o objetivo de proteger seus próprios interesses, o capítulo de “Ana Terra” ilustra muito bem a necessidade de defesa das fronteiras, principalmente através da narração dos relatos militares inseridos nos diálogos e na sensação de perigo iminente a qual todos os personagens sofrem. Durante este período, a ameaça que os castelhanos representavam tanto ao Rio Grande quanto

ao Brasil em si, fazia parte do dia-a-dia dos estancieiros e da população em geral, que sofria com os estrangeiros que saqueavam, roubavam gado e praticavam tantas outras barbaridades nas invasões do solo gaúcho.

O capítulo encerra por volta de 1811, período em que as forças portuguesas revidam aos castelhanos com um ataque em grande escala, dando início às invasões da Banda Oriental no território do Uruguai no confronto contra o exército de José Artigas, líder político e militar uruguaio que hoje é herói nacional do país. O evento histórico da invasão das tropas portuguesas à Banda Oriental terá grande importância durante o enredo do capítulo de “Um Certo Capitão Rodrigo”.

### **2.3 “Um Certo Capitão Rodrigo”**

“Um certo capitão Rodrigo” é o capítulo que inicia com a chegada do carismático e fanfarrão Cap. Rodrigo Cambará na cidade de Santa Fé em 1828 e que contará sua história com Bibiana Terra, neta de Ana Terra, e que assim como sua avó, apaixonou-se por um forasteiro que a deixa fascinada. Da mesma maneira que os outros capítulos, possui um enredo construído em torno de fatos históricos, porém em maior número e mais constantes, uma vez que Rodrigo assim como os heróis da mitologia grega, é fundamentalmente um guerreiro, e ganha neste capítulo sua epopeia, deixando sua contribuição na criação da imagem do gaúcho mítico, o gaúcho herói. Em contraponto a isso, o enredo joga o Capitão na situação mais desagradável que ele poderia imaginar: a vida comum, o cotidiano de uma cidade comandada por um chefe político que se tornará seu rival, e os dias que se arrastam na paz e que o consomem lentamente entre as paredes da venda que abre em sociedade com o cunhado, Juvenal Terra, no anseio de um dia retornar aos campos de batalha. Além disso, precisa lidar com a perda de um dos três filhos que teve com Bibiana, Anita, que adoece e morre, deixando feridas psicológicas profundas no protagonista. Encerra-se o capítulo durante uma batalha na Revolução Farroupilha, quando Rodrigo morre e deixa Bibiana e os outros dois filhos que teve com ela, Bolívar e Leonor.

O protagonista é o Capitão Rodrigo Cambará, recém-chegado à cidade de Santa Fé após participar de uma das batalhas da Guerra Cisplatina. Rodrigo é a personificação do mito do gaúcho herói, o caudilho pampeano, guerreiro e defensor fronteiriço de virtudes exageradamente exaltadas e fraquezas encobertas pelo carisma, pela bravura, e pela

fanfarronice que irradiam desde a sua primeira aparição. Além disso, Rodrigo estabelece também um parâmetro que atravessará toda a saga: os moldes de um Cambará, mulherengo e entregue aos prazeres que são justificados pelo simples instinto de um macho, assim como acontece com sua paixão inicial puramente física por Bibiana. Como consequência desta paixão, temos neste capítulo a figura de um antagonista, Bento Amaral, que se torna seu rival e que compete com Rodrigo no cortejo de Bibiana, e que mais tarde resultará em uma das cenas mais épicas do *Continente*, o duelo entre os dois homens que começará a alinhar a rivalidade entre os Amaral e os Terra Cambará que veremos mais tarde no “Sobrado”, se olharmos a obra sob a perspectiva cronológica. Quando se observa *O Continente* de maneira cronologicamente organizada, é possível também perceber o processo de construção de Bibiana, que vê em si mesma a repetição do ciclo das mulheres Terra, muitas vezes traçando paralelos e estabelecendo relações e comparações entre sua história e a de sua avó, Ana Terra, pela qual possuía enorme afeição. As semelhanças entre Ana e Bibiana não se limitam apenas às paixões que viveram ao encontrar um forasteiro fascinante, Bibiana muitas vezes transparece os traços herdados de sua avó, sejam eles físicos ou de personalidade, identificados até mesmo pelo pai:

Havia nela também muito da avó, principalmente a voz. Bibiana tinha crescido à sombra de Ana Terra, com a qual aprendera a fiar, a bordar, a fazer pão e doces e principalmente a avaliar as pessoas. Depois que Ana Terra morrera, Pedro às vezes tinha a impressão de que ela continuava a falar pela boca da neta. Bibiana repetia frases da avó. Quando à noite ventava e eles estavam dentro de casa em silêncio, esperando a hora de ir para a cama, a moça de repente murmurava: “Noite de vento, noite dos mortos”. Bibiana via muito os homens com os olhos desconfiados e cautelosos de Ana Terra. (VERÍSSIMO, 2004, p.158)

Da mesma maneira que herda de Ana Terra os hábitos, as frases, e a desconfiança pelos homens, Bibiana demonstra que muito de seu caráter também é influenciado por Ana, conforme explica o narrador quando diz que “devia ser por influência da avó que Bibiana tinha tanta aversão ao casamento. Era na certa por isso que rejeitava as propostas de Bento Amaral”. (VERÍSSIMO, p.154). A partir destas evidências, podemos acompanhar o início do processo de construção da Bibiana que vemos no “Sobrado”, que carrega adiante no tempo o seu desprezo e a aversão aos homens, sempre crítica ao modo de viver que obriga as mulheres à submissão desde sempre:

A avó sempre lhe falava da brutalidade dos homens, que sempre acabavam fazendo o que a gente menos espera, isto é, as coisas mais absurdas. Vovó Ana costumava dizer que certos assuntos eram “coisa de homem”. Guerra era coisa de homem; carreira, briga, jogo e bebida eram coisas de homem. O melhor que as mulheres tinham a fazer era desistir de compreendê-los. Desistir e continuar obedecendo e esperando. (VERÍSSIMO, 2004, p.164)

O desprezo pelos homens que avó e neta carregam, apesar de serem construídos a partir de frustrações e motivações um pouco diferentes, tem seu início nos elementos que mais

claramente as personagens têm em comum, a paixão por homens que destacam-se dos demais pelas suas características pessoais e culturais, e pela forma que acontece, o sentimento de desconfiança e desprezo que se transforma em paixão e desejo. A própria Bibiana reflete sobre isso, quando pensa no Capitão Rodrigo:

Bibiana simplesmente não sentia nada senão aborrecimento perto dele, e quando o moço aparecia, ela só desejava que ele fosse embora o quanto antes. No entanto, o desconhecido que ela vira aquela manhã no cemitério (será mau agouro?) não lhe saía da lembrança. Bibiana pensou na avó. Se ela estivesse viva, qual seria sua opinião daquele forasteiro? “É um homem como os outros.” Mas talvez gostasse dele, talvez... (VERÍSSIMO, 2004, p.159)

O trecho acima ilustra a semelhança entre Ana Terra e Bibiana, e ela mesma explicita esta semelhança ao imaginar a avó em seu lugar, uma vez que, conhecendo a história da avó e sabendo que ela sofrera o mesmo destino, talvez tivesse o mesmo posicionamento em relação ao Capitão, apesar de toda acidez e amargura de Ana pelos homens. No decorrer do capítulo, Bibiana acaba por compartilhar por completo o mesmo olhar, herdado de Ana Terra, quando se tornam mais frequentes os “dias em que o minuano soprava, enrolada num xale e pedalando na roca, quando Bibiana pensava na avó, que costumava dizer-lhe que o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar.” (VERÍSSIMO, 2004, p. 205).

O narrador permanece heterodiegético e a focalização é direcionada a Rodrigo e Bibiana, que dividem a posição de protagonismo do capítulo, que desenrola a trama sob a perspectiva das duas personagens. Quando o leitor não está na posição de testemunha da vida cotidiana de Rodrigo e Bibiana, o Capitão carrega o narrador e o leitor consigo, durante suas batalhas, durante suas aventuras, e até durante suas idas à casa de sua amante. Por outro lado, também somos colocados ao lado de Bibiana, testemunhando sua vida doméstica e as dificuldades que enfrenta quando começam os atritos em sua relação com Rodrigo. Além disso, a perspectiva de Bibiana é responsável pela desvinculação da atmosfera militar que o capítulo contém, e posiciona o leitor um pouco mais distante do épico presente no Capitão, resultando num viés muito mais cotidiano e até mesmo memorialista quando a acompanhamos.

O capítulo se passa na cidade de Santa Fé, e traz principalmente na figura do Capitão Rodrigo Cambará relatos históricos sobre a fundação do Rio Grande do Sul. Através da utilização do pano de fundo histórico e da ambientação em uma atmosfera predominantemente militar, Érico Veríssimo escreve “Um Certo Capitão Rodrigo” ao redor de elementos que fornecerão suporte à epopeia do protagonista, que o retrata como um guerreiro pampeano, o mítico gaúcho herói que não vive a defender as fronteiras, e sim carregando-as consigo. Inicia-se em 1828, e desenvolve o enredo de maneira cronológica do ponto de vista militar, trazendo

na própria trama ou em relatos e versos os elementos e conflitos que mais tarde serão responsáveis pela Revolução Federalista de 1893. Pouco antes disso, acontecia um dos conflitos mais sangrentos da história do Rio Grande do Sul: a Guerra Cisplatina. Após a derrota do exército de Artigas na batalha de Tacuarembó, os portugueses tomam posse de Montevideú, tornando o Uruguai parte de seu território, formando desta maneira, a Província Cisplatina. Desta maneira, Brasil e Argentina (na época Províncias Unidas do Rio da Prata) disputam o controle do território uruguaio em 1825, que só cessará durante a intervenção diplomática da Inglaterra em 1828 com o Tratado de Montevideú, buscando retomar a rota de comércio do Prata, que se encontrava bloqueada pela guerra que foi, em sua maior parte, naval. Ainda que boa parte da Guerra Cisplatina tivesse acontecido sobre a água, sua principal batalha aconteceu em terra: a Batalha do Passo do Rosário, que alcançou proporções dignas de um drama épico, também recebe notoriedade em “Um Certo Capitão Rodrigo”, sendo essa uma das histórias narradas pelo protagonista nos seus relatos de batalha.

Além das disputas na Banda Oriental, desenha-se o cenário político brasileiro com a abdicação da coroa por D. Pedro I em 1831, nove anos depois da proclamação da Independência do Brasil. Surgem também as primeiras fagulhas da Revolução Farroupilha que acontecerá em 1835 após a tomada de Porto Alegre pelo general Bento Gonçalves.

O capítulo encerra com a morte do Cap. Rodrigo quando retorna a Santa Fé, após se juntar às tropas de Bento Gonçalves na Guerra dos Farrapos.

## **2.4 “O Sobrado”**

“O Sobrado” é um capítulo fragmentado em partes que intercalam os restantes, e narra os acontecimentos durante o cerco da casa do intendente de Santa Fé, Licurgo Cambará, uma semana após os federalistas tomarem o controle da cidade. Durante o cerco, Alice, mulher de Licurgo está prestes a dar à luz, enquanto o intendente resiste à invasão dos maragatos comandados pelo cel. Alvarino Amaral, seu inimigo político e pessoal. Sob terríveis privações como falta de água, comida, e munição, o intendente precisa lidar também com situações que estremecem sua vida familiar e o convívio no sobrado, que começa a sofrer ruídos a partir do coro de mulheres implorando pela rendição. Além do drama de Licurgo, acompanhamos também algumas lembranças de Bibiana, que já bem idosa, passa seus dias relembando suas vivências e dedicando seus suspiros às memórias do Capitão Rodrigo. O capítulo também narra o outro lado do cerco, encarnado em José Lírio, que sofre com seus conflitos pessoais e dilemas

na vigília do sobrado, principalmente por ser amigo da família de Licurgo e apaixonado por Maria Valéria, que está confinada sob proteção do intendente. Apesar de ser muito mais curto que o capítulo de Ana Terra, “O Sobrado” é construído em torno de muitos elementos dramáticos que apelam aos sentimentos do leitor: a crueldade da guerra, a perda dos queridos, a dor dos que levantam armas aos seus conhecidos, e o medo de perder a vida por um ideal, seja ele branco ou vermelho.

Licurgo Cambará é sem dúvida a personagem central deste capítulo, afinal, trata-se da sua pequena epopeia pessoal, na qual ele mesmo se vê como herói protagonista ao tomar parte no confronto entre federalistas e republicanos, ainda que movido muito mais pela rivalidade histórica entre os Terra Cambará e os Amaral, do que política. Aqui já temos um registro interessante da marca da política no Brasil: desavenças pessoais se sobrepõem às convicções políticas, problema que vivemos até hoje. Nossos governantes se pautam por uma política personalista, independente da ideológica, que serve apenas de argumento discursivo. Distorcendo valores e honra, orgulhoso e egocêntrico Licurgo vive sua própria versão do cerco de Tróia baseado em vaidade e teimosia, utilizando como pretexto a vilania dos inimigos políticos da guerra civil até durante o nascimento de sua filha, quando vocifera o futuro que vislumbra nos intervalos dos tiroteios do sobrado: “Um dia alguém dirá: Nasceu numa noite fria de junho, quando o Sobrado estava cercado pelos federalistas. Quando o dia clareou, as tropas republicanas libertaram Santa Fé” (VERÍSSIMO, 2004, p. 33). Apesar de caracterizado como a personificação da sociedade machista e patriarcal da época, Érico Veríssimo também insere em Licurgo lampejos de humanização, responsáveis por não deixar que se torne uma personagem odiável ao leitor, além de também possuir traços e características de seu antepassado Capitão Rodrigo, que estabeleceu os moldes de um “macho Cambará”, e que conquista o leitor com sua fanfarronice e personalidade singular. Desta maneira, quando falamos de humanização das personagens, Licurgo, que herdou dos Terra seu silêncio e falta de habilidades sociais, assim como Rodrigo também sente a dor de perder uma filha, e da mesma maneira que seu antepassado, sofre em silêncio e não deixa transparecer os danos causados pela perda. Rodrigo descarrega suas frustrações na bebida e no jogo, enquanto Licurgo nada pode fazer além de tomar para si a responsabilidade de proteger o que resta de sua família na segurança do sobrado. Tomemos como exemplo a cena em que uma criada de Licurgo entrega a notícia de que sua filha nasceu sem vida:

Licurgo tem a impressão de que foi baleado no peito. Estonteado, engole em seco, cerra os dentes, faz um esforço desesperado para conter as lágrimas. [...] Licurgo faz meia-

volta e dirige-se para a escada. Suas botas pesam como ferro sobre o soalho. (VERÍSSIMO, 2004, p.68)

Mesmo que acabe se tornando uma espécie de ditador, Licurgo ainda mantém certas qualidades que validam a sua humanidade, como por exemplo a capacidade de sentir culpa, o remorso que até então não parecia ser capaz de tocar essa personagem, agora aproxima o leitor através da empatia, criando uma margem pequena, mas capaz de criar uma possibilidade de nos identificarmos com ele, e dividir sua dor. Em contraste a isso, temos suas ações, que são sempre frias e na maioria das vezes, por interesse próprio. Licurgo sequer permite que um médico passe pelos portões do sobrado para realizar o parto de sua filha, e pior, ordena que o corpo da criança seja enterrado no porão sem sequer ter recebido um nome, para o desespero de Alice. Apesar de discursar a todo momento sobre honra, dignidade e retidão nas ações, Licurgo não correspondia às suas próprias palavras, e perdia-se em hipocrisia, como acontece no caso fora do casamento que ele possui com Ismália Caré, com quem tem um filho. Licurgo permanece com a amante desde antes de seu casamento com Alice até a morte dele.

As mulheres têm uma importante participação no “Sobrado”, em oposição aos caprichos e ao poder de Licurgo, elas representam a racionalidade sobre as circunstâncias a que estão submetidos os refugiados no sobrado e o instinto de sobrevivência dos que sofrem com uma guerra sem sequer ter a oportunidade de evitá-la. Subjugadas à vontade de Licurgo, todas elas o antagonizam, e questionam suas decisões por não serem tomadas em benefício comum, mas por orgulho e vaidade. Maria Valéria é a principal personagem a exercer esta função, e em diversas situações entra em conflito com o protagonista, sempre o tratando com desprezo:

Maria Valéria contempla o cunhado com um frio ódio. Ele não hesitará em sacrificar toda aquela gente ao seu orgulho de macho. Homens! E de súbito ela sente vontade de cuspir. Homens! Botas embarradas, cheiro de suor, sarro de cigarro e cachaça, faca na cava do colete, revólver na cintura, escarro no chão. Machos! Aqueles homens nojentos lá embaixo, enrolados nos ponchos, cuspiendo a casa toda, fazendo suas necessidades no porão (em cima, de certo, da sepultura da menina), empestando o ar com seu hálito podre e lançando às mulheres olhares indecentes. Machos! (VERÍSSIMO, 2004, p. 255)

As mulheres no “Sobrado” retratam a organização da sociedade patriarcal do século XIX e levantam questionamentos sobre papel da mulher por mais de uma vez, inclusive por Bibiana, conforme nos conta Maria Valéria depois de uma discussão com Licurgo:

Sentada numa cadeira junto do lavatório, Maria Valéria está de vigília, encolhida sob o xale, os braços cruzados a apertar a boca do estômago. O frio a deixa como que anestesiada, incapaz de sentir o que quer que seja: tristeza, compaixão ou esperança. O que a mantém de pé a ajudar sua gente é ainda um sentimento de dever que lhe vem principalmente do hábito. D. Bibiana tem razão: as mulheres do Rio Grande são direitas e cumprem suas obrigações por puro cacoete, e cacoete hereditário. (VERÍSSIMO, 2004, p. 259).

Até mesmo Bibiana, agora muito mais velha e ainda apaixonada pelo Capitão Rodrigo Cambará, levanta esses questionamentos, e toma posicionamento mais firme ainda quando expõe o que pensa sobre a morte da filha de Licurgo, ao dizer:

Morreu em boa hora. Essa não tem de trabalhar, sofrer, casar, criar filhos, e ficar esperando quando os filhos vão pra guerra. Primeiro precisam da gente, mamam nos nossos peitos, mijam no nosso colo. Depois crescem, se casam e tratam a gente como um caco velho”, ainda que uma parte dela também sinta a tristeza da perda da menina. (VERÍSSIMO, 2004, p. 139)

Fora dos muros do sobrado, acompanhamos José Lírio, o Liroca, que trará mais uma carga emocional e dramática à narrativa, e que representa o terror de travar uma guerra contra seus vizinhos. Liroca é um covarde, mas mesmo depois do acúmulo dos seus conflitos internos e experiências traumáticas na infância, mostra-se um homem religioso, humilde e tão bondoso que desobedece às ordens dos seus superiores, parte por covardia, parte por não achar correto, uma vez que cumprir as ordens que chegavam significava levantar armas em direção à casa onde costumava matear e onde residia sua amada, Maria Valéria.

A ordem era clara: se alguém viesse buscar água no poço, ele devia fazer fogo. Água... Água pra Maria Valéria. Água pros sitiados. Água pra d. Alice. Água pros meninos. Água pra velha Bibiana. O pior de tudo era haver mulheres e crianças dentro do casarão. (VERÍSSIMO, 2004, p. 20).

“O Sobrado” acontece em 1893 na cidade de Santa Fé, durante a Revolução Federalista e estabelece o presente da obra, que começa a partir da narrativa do sobrado e encontra seu desfecho nele. Apesar de dividido em partes que intercalam os outros capítulos, é contado cronologicamente entre um salto e outro no espaço-tempo, conforme o narrador nos guia. O número baixo de cenários deste capítulo é facilmente sobrepujado pela dramatização e pela riqueza de elementos que o permeiam. Os conflitos na convivência no sobrado, por exemplo, ou os questionamentos políticos e até filosóficos que Liroca faz no alto do campanário acabam por atrair para si a atenção do leitor, sem deixar brecha para que ele sinta falta da descrição dos ambientes. Além disso, a ambientação do “Sobrado” apresenta reflexos nos personagens, tornando-os mais profundos e complexos.

As crianças, Rodrigo e Toríbio também possuem uma função: assim como Liroca, trazem consigo a dimensão do terror da guerra civil, e as consequências dela:

Toríbio procura a mão de Rodrigo por baixo das cobertas e seus dedos tocam um objeto frio. — Que é isso? — O punhal. — O do vovô? — É — Vais te machucar... — Não vou. Guardo ele debaixo do travesseiro. Se um inimigo entra aqui, pulo em cima do bicho e lo degolo. — Não pode. — Por quê? — Punhal não tem fio. — Então finco-lhe a ponta na garganta. Eu já vi sangrar um boi. Ao imaginar essas coisas o coração de Rodrigo pulsa com mais força. Ele vê o sangue escorrendo da goela do maragato. E seus pequenos dedos apertam o cabo do punhal. (VERÍSSIMO, 2004, p.29)

As crianças manuseiam o punhal, herança de Pedro Missioneiro, às escondidas, e têm como objeto de diversão imaginar o ato de degolar maragatos, além de adorarem brincar de guerra sendo um o republicano e o outro maragato, inspirados pela parcela do mundo dos adultos a qual têm acesso. As crianças do sobrado são retratadas fundamentalmente pela inocência e pela frieza que demonstram frente às mais adversas situações que vivenciam, uma delas sendo o enterro de sua irmãzinha recém-nascida, que não recebe nome, mas ganha um apelido dos meninos.

O narrador neste capítulo tem papel de destaque, se comparado ao narrador dos outros capítulos do *Continente*. Estruturalmente, o capítulo é fragmentado em quatro partes, e cabe ao narrador dar desenvolvimento ao enredo de forma que não deixe o leitor perder o interesse. Poderíamos exemplificar este fato com o modo em que ele narra: realizando bruscas interrupções sempre no clímax da história, ou em momentos de crise, criando os efeitos de suspense e tensão. Entretanto, o narrador exerce o poder da onisciência com muito mais ênfase, colocando os sentimentos das personagens em primeiro plano para situar o leitor numa posição de maior proximidade das personagens, aumentando desta maneira, a eficiência dos efeitos que pretende obter, seja ele o suspense ou a tensão, como faz na cena em que o Tenente Liroca precisa atravessar a praça em busca de abrigo:

Levantou-se devagarinho, apertando a carabina com ambas as mãos. Sentia o corpo dorido, a garganta seca. Tornou a olhar para a igreja. Dez passos. Podia percorrê-los nuns cinco segundos, quando muito. Era só um upa e estava tudo terminado. Fez avançar cautelosamente a cabeça e, com a quina do muro a tocar-lhe o meio da testa e a ponta do nariz, fechou o olho direito e com o esquerdo ficou espiando o Sobrado que lá estava, do outro lado da praça, com sua fachada branca, a dupla fileira de janelas, a sacada de ferro e os altos muros de fortaleza. Havia no casarão algo de terrivelmente humano que fez o coração de José Lírio pulsar com mais força [...] olhava a rua. Dez passos até a igreja. Mas quantos passos até a morte? Talvez cinco... ou dois. Havia um atirador infernal na água-furtada do Sobrado, à espreita dos imprudentes que se aventurassem a cruzar a praça ou alguma rua a descoberto (VERÍSSIMO, 2004, p.14)

Ao nos transportar para a situação de Liroca, assim como a personagem, inevitavelmente acabamos nos colocando na situação do tenente covarde. A maneira como descreve os pensamentos de Liroca confunde-se com a sua própria voz, quase como se desafiasse a personagem a atravessar a praça, quase como se desafiasse o leitor a atravessar a praça também. Trata-se de uma espécie de pressão psicológica que o próprio Liroca impõe a si no monólogo e nas memórias que relembra, nas quais questiona principalmente sua coragem. Através da escolha que o narrador faz de reproduzir os pensamentos do covarde exatamente como eles são, acabamos automaticamente vivendo o mesmo terror da situação em que Liroca se encontra, junto com ele.

De súbito, como tomado dum demônio, Liroca ergueu-se, apertou a carabina contra o peito e deitou a correr na direção da igreja. Seus passos soaram fofos na terra. Deu cinco passadas e a meio caminho, sem olhar para o Sobrado, numa voz frenética de quem

pede socorro, gritou: “Pica-paus do inferno! Sou homem!”. Continuou a correr e, ao chegar ao ponto morto atrás da parede lateral da igreja, rojou-se ao solo e ali ficou, arquejante, com o peito colado à terra, o coração a bater acelerado, e sentindo entrar-lhe na boca e nas narinas talos de grama úmida de sereno. “A la fresca!”, murmurou ele. “A la fresca!” Estava inteiro, estava salvo. Fechou os olhos e deixou-se quedar onde estava, babujando a terra com sua saliva grossa, a garganta a arder, e o corpo todo amolentado por uma fraqueza que lhe dava um trêmulo desejo de chorar. (VERÍSSIMO, 2004, p.16)

O narrador não mede esforços nem poupa detalhes nesse que é um dos trechos iniciais do “Sobrado”, e joga o leitor na terrível situação do tenente, que imagina ter a vida por um fio. Assim como outras cenas, esta é uma das que valorizam a tensão que o narrador pretende transmitir antes de interrompê-la num salto ao passado, e desta maneira, chegamos ao outro lado da praça com Liroca, tão horrorizados quanto ele.

A focalização no capítulo do “Sobrado” é seletiva, seja carregando o leitor de um lado a outro dos muros do casarão, seja pela transição entre narrativas conforme acompanhamos os personagens. Quando estamos com Licurgo, acompanhamos o desenrolar do enredo conforme sua perspectiva e entendemos a evolução das situações que o colocaram nas circunstâncias do cerco. Liroca, por sua vez, é uma mudança brusca de focalização, mas não apenas pela situação em que se encontra, que é totalmente diferente dos refugiados, mas também por se tratar de uma oposição política, além de espacial. Nas cenas do casarão, o leitor é posicionado em um ambiente completamente fechado, mas que ganha amplitude por intermédio da focalização seletiva, transitando pelas personagens e criando um dinamismo próprio que ilustra as experiências de Licurgo, Maria Valéria, Bibiana e das crianças durante o cerco, possibilitando ao leitor alcançar o dinamismo narrativo que um número de cenários maior garantiria. Entretanto, quando passamos à focalização em Liroca, essa se configura de maneira um pouco menos sutil, o leitor não está observando o tenente, ele está lá com a personagem, muito mais próximo, muito mais íntimo, e com maior destaque aos gestos simples, como colocar um cigarro atrás da orelha, a própria respiração, os cacoetes e todos os outros elementos que constituem o soldado desengonçado.

Temos que observar em “O Sobrado” ainda os aspectos históricos que constituem o pano de fundo do capítulo, pois ainda que as personagens de Érico Veríssimo não estejam submetidas diretamente a cenas das batalhas sangrentas da Revolução Federalista, esta é a responsável por parte da tensão da atmosfera da narrativa, a situação do cerco que incita o leitor a todo momento com uma invasão iminente. Entretanto, quando pensamos no comportamento das personagens do casarão, possibilita-se a interpretação de que cada um tem suas próprias preocupações. É fato que a revolução dividiu radicalmente a população gaúcha em facções, e

não é à toa a alcunha de Revolução da degola que recebera, mas ainda assim, as personagens vivem seus próprios conflitos, exceto por Licurgo e Liroca, que estão diretamente ligados a ela. Entre uma cena e outra, o chefe político deposto brada às janelas do casarão o nome de seus heróis republicanos, como Júlio de Castilhos, principal líder positivista do movimento. Florêncio, por exemplo, traz uma outra visão sobre as circunstâncias a que estão submetidos:

Eu tenho quase sessenta e cinco. Já vi outras guerras. Tudo isso passa. A revolução termina, os federalistas e os republicanos ficam alguns meses ou anos um pouco estranhos, mas o tempo tem muita força. Um dia se encontram, fazem as pazes, esquecem tudo (VERÍSSIMO, 2004, p. 11).

O trecho destaca a indiferença de Florêncio sobre a revolução que reduziu a sociedade à um conflito de tribos bárbaras, e que outras personagens também demonstram no decorrer do “Sobrado”, ao deixar em segundo plano a guerra e focar em problemas maiores e mais imediatos, como a falta de comida, cuidar de um ferido ou um parto com complicações, por exemplo.

## 2.5 Expansões do *Continente* e a história da família Caré

Intercalados em alguns capítulos do *Continente* v. I, o narrador insere textos destacados em itálico que expandem alguns aspectos da obra, sejam eles históricos, sociais ou culturais que acompanhamos em paralelo à trama, além de contar sobre algumas figuras da família Caré.

O primeiro dos destaques em itálico conta a história de dois homens que tentam a vida nas terras do Rio Grande de São Pedro: Chico Rodrigues e Zé Borges, traçando um paralelo entre duas culturas, duas sociedades, e duas etnias. Primeiro conhecemos a origem de Chico Rodrigues, que mais tarde se autodenominaria Chico Cambará, e assim como outros Cambará que virão depois dele, representa o pampeano guerreiro, o mítico caudilho peleador, e o nativo, ainda que não se saiba onde havia nascido. Não possuía origens nem raízes, sequer ouviu um dia falar dos pais, e vinha das bandas de Curitiba depois de ouvir relatos sobre homens que migraram ao Rio Grande de São Pedro apenas com a roupa do corpo e acabaram se tornando estancieiros.

Pra lá muito povo tem ido, desta vila e doutros lugares. Vi gentes que saíram apenas com a roupa do corpo e a bolsa vazia. Sei que hoje são senhores de estâncias de gado, com léguas de sesmaria; têm patações, onças, cruzados, boas botas e senhoria. Mas ouvi dizer que no Continente a vida é dura, os índios são brabos, e é preciso ter cuidado com os vizinhos castelhanos, com as feras e as cobras e o Regimento de Dragões. (VERÍSSIMO, 2004, p.61)

Não conseguiu realizar o mesmo feito, mas faz seu próprio destino quando, marginalizado, se junta a ladrões de gado, presidiários fugitivos e outros bandidos, e passa a chefiá-los. Entre tomadas de terra, roubos de gado e assaltos às tropas do Rei, encontra a alegria de viver a partir

das coisas que constroem a essência de um “macho Cambará”: o desejo inesgotável pelas mulheres, a imprevisibilidade de uma vida guiada por espadas e mosquetes, e o amor pela batalha principalmente. Mesmo que Chico Rodrigues represente nesta narrativa uma ilustração das origens dos Cambará, ou ainda um indício dos moldes de um Cambará que passará adiante em sua linhagem as mesmas características que encontramos no Capitão Rodrigo, a personagem estabelece, além dessas coisas, uma imagem mais clara do contraste dos aspectos culturais e sociais entre colonizadores e nativos do continente a partir da oposição à figura de Zé Borges.

Em oposição à Chico Rodrigues, a figura de Zé Borges representa o aristocrata, o imigrante estrangeiro e colonizador incumbido da tarefa de organizar uma sociedade que exerça a presença da coroa nas terras selvagens. Apesar de contrariado pela mulher que teme “o mar, os índios, as doenças e as feras” (VERÍSSIMO, 2004, p.60) recebe uma carta do próprio rei, que continha sua missão e promessas de lotes de terra onde poderia viver com segurança e prosperidade. Instala-se em Viamão, onde mais tarde inicia a plantação de trigo e repousa no sossego da cidadezinha de ares europeus, desfrutando da paz que lhe prometeram ainda no Velho Continente. Se Chico Rodrigues representa o nativo guerreiro e bárbaro e Zé Borges representa a aristocracia portuguesa, são ao mesmo tempo, a representação do encontro entre duas culturas, acima de tudo. Desta maneira, torna-se possível a interpretação de que este recorte em itálico busca, além de fundamentar e fornecer subsídios ao que é apresentado na trama, também expandir o universo em que a obra está situada de maneira principalmente contextual, neste momento, mas também social.

O contraste entre estes dois homens e o que eles representam torna-se ainda mais visível no trecho que narra seu encontro em Viamão. De um lado, o aristocrata que utiliza o tempo de vida na busca do sucesso financeiro, abrigado pelo alento de uma cidade pacífica enquanto observa com desprezo aqueles homens a cavalo, empunhando espadas e armas de fogo como troféus de uma honra e heroísmo que fingem possuir; de outro lado, guerreiros ilustres que lutam pela sobrevivência diária, inimigos dos bugres, das feras, das cobras, dos castelhanos e do Regimento dos Dragões, que marchavam pela cidade decepcionados e perturbados por assistir aos homens que conformaram-se com a condição de viver todos os dias a mesma coisa, parados no lugar e no tempo, desperdiçando suas vidas na triste rotina do trabalho comum.

Além de todos esses processos, ainda há uma repetição do ciclo que mais tarde veremos no capítulo de “Um certo Capitão Rodrigo”. Chico Rodrigues, assim como Rodrigo, encerra seu ciclo na narrativa mudando sua vida completamente a partir do interesse por uma mulher: Maria Rita, filha de Zé Borges, quando leva a moça de Viamão para viver ao lado dele. Chico

Rodrigues termina sua participação em *O Continente* desenvolvendo interesse por criar raízes, deseja criar gado, cultivar sua própria terra e família, que passará a carregar o nome dos Cambará nas gerações seguintes.

O próximo texto intercalado, em itálico, conta a história de Dona Picucha Terra Fagundes, filha de Horácio Terra, sobrinha de Ana Terra, comerciante em Rio Pardo, assim como seu pai. A partir deste texto, possibilita-se ao leitor o acesso a uma expansão do panorama político e social durante o período da Revolução Farroupilha e das consequências dela, através dos relatos de Picucha. Em *O Continente*, Érico Veríssimo não se preocupa em criar uma reprodução da história da fundação do Rio Grande do Sul, mas sim ressignificá-la, oferecer uma nova visão. Desta maneira, o autor traz nesse destaque, a visão sobre os fatos do cidadão comum, das mães de família, e das mulheres principalmente. Diferente do que seria o relato de um revolucionário, ou de um imperialista, o relato de Dona Picucha é permeado de saudosismo e tristeza, tivera sete filhos, e perdera todos em batalhas da Revolução. Apesar disso, encontrava forças para resistir às consequências da guerra que levou quase tudo que tinha, e relembra orgulhosa dos feitos dos farrapos e de seu herói Bento Gonçalves, um dos líderes da revolução por quem tem profunda admiração.

Retrata-se em Dona Picucha a dor de um povo criado entre uma guerra e outra, o sentimento de impotência sob as circunstâncias que levam os homens a pegar em armas, e a beleza da fé no espírito de luta de um povo que até hoje ostenta orgulhoso suas vitórias, ilustrado no carinho dela ao contar os feitos e causos de Bento Gonçalves. Alinhado ao que Érico Veríssimo retrata na trama principal de *O Continente*, Dona Picucha também é uma mulher Terra, e sendo assim, também traz à luz a discussão sobre o papel das mulheres do século XIX, quando diz que “Sina de mulher é essa: ficar em casa esperando, enquanto os homens se vão em suas andanças” (VERÍSSIMO, 2004, p. 245). Tal discurso, muito parecido com o de outras mulheres Terra como Henriqueta, Ana e Bibiana, expande a construção das personagens de Veríssimo e principalmente, reforça o princípio de hereditariedade de características e repetição de ciclos presentes em *O Continente*. A participação de Dona Picucha Terra Fagundes encerra ao lembrar que apesar da morte dos sete filhos em batalha, ela ainda teve sete netos, determinando desta maneira, a continuidade da linhagem dos Terra.

Ainda sobre linhagens, um dos temas do próximo destaque em itálico de *O Continente* é a família Caré, que seguirá por todo o romance na presença de figuras que circulam em torno dos protagonistas. Uma vez que *O Tempo e o Vento* se trata da saga da família Terra Cambará, que representam a elite aristocrata, aos Caré resta a condição de miseráveis, desempenhando um

papel que fica em segundo plano no decorrer da trama. Érico Veríssimo, por toda sua obra, retrata os Caré como seres descartáveis, subjugados à vontade dos poderosos e à mercê de um destino sobre qual nem eles mesmos têm o controle. É desta maneira que surge pela primeira vez um Caré em *O Continente* (2004, p. 127): João Caré, miserável, sem teto, sem rumo, sem passado e sem futuro. Andarilho, vestia trapos e escondia-se do frio na terra, ao cavar um buraco e deitando-se sobre ele. Vivía o desprezo na pele, e principalmente, o peso de uma sociedade que não foi feita para homens como ele. A partir daí, é necessário que se pense sobre a estrutura da sociedade na qual João Caré está inserido, uma sociedade primariamente militarista, antes de todas as coisas. Em um dos trechos do texto, uma personagem de Érico Veríssimo ilustra a organização social que vê na Capitania do Rio Grande:

Os habitantes da Capitania do Rio Grande estão de tal modo habituados ao militarismo e ao arrancado dos oficiais, que não acreditam em que uma pessoa simples e honesta possa ter importância. Sim, os homens que tinham galões, títulos de nobreza, léguas de sesmaria, botas e cavalos falavam alto e grosso, de cabeça erguida. E havia também os sem títulos nem terras nem galões, que falavam alto e grosso e de cabeça erguida porque tinham armas, botas e cavalos. Mas os gaúchos sem cavalo, sem armas, sem botas, sem nada; os pobres-diabos que andavam molambentos e de mãos vazias, esses só falavam alto e grosso entre os de sua igualha. Porque ante os bem montados ficavam de olhos baixos e sem voz. (VERÍSSIMO, 2004, p. 127)

O trecho ilustra não apenas uma sociedade, mas também uma cultura militarista à qual os habitantes do Rio Grande estão habituados. Além disso, explicita o distanciamento social entre as duas classes dominantes da região, a valorizada elite facilmente identificada pela indumentária tradicional e a cavalo e o pobre marginalizado, sem voz e sem espaço. João Caré é um destes marginais, condenado a viver uma vida miserável sem qualquer tipo de perspectiva positiva. Ainda assim, acaba se juntando – “porque pobre não casa, pobre se junta” – (VERÍSSIMO, 2004, p.128) e tem filhos, passando a viver sem permissão nas terras de um estancieiro, que mais tarde o expulsará junto com sua família, deixando-os outra vez sem rumo no mundo de desgraças de João Caré. Ao chegar em Rio Pardo, é abordado por um soldado, que oferece dois patacões e uma manta de charque pela virgindade de sua filha, uma jovem de aproximadamente 15 anos, e João aceita para poder alimentar sua família. O fruto deste ato é Mingote Caré, dando continuidade a mais uma geração desta linhagem de desgraçados que permanecerá existindo no fluxo do tempo até chegarem à sombra da família Terra Cambará, quando se tornam seus empregados.

Aos Caré, de modo geral, não sobra nada além de humilhação. Os homens Caré, muitas vezes são empurrados à batalha, empunham armas pelos seus senhores e morrem, descartáveis sem nem entender os motivos. Às mulheres Caré, restam o desprezo e o estigma de ser o objeto

sexual de homens poderosos, como Ismália por exemplo, que se tornará amante de Licurgo, e terá um filho com ele, conforme observamos em “O Sobrado”.

### 3 HISTÓRIA E LITERATURA

Como ponto de partida da análise da obra é necessário que se estabeleça primeiramente, a relação entre História e Literatura, definida pelas palavras de Sandra Jatahy Pesavento quando afirma que História e Literatura são “duas formas distintas, porém próximas de dizer a realidade e de lhe atribuir/desvelar sentidos” em *O mundo como texto: leituras da História e da Literatura* (2003, p.36). Ainda, como um dos fatores que comumente distanciam essas duas áreas do conhecimento, está o compromisso pressuposto que ambos têm com a realidade: a história sempre relacionada com a veracidade dos fatos e a ficção, por sua vez, relacionada com fatos que não são reais, que são verossímeis, com diz Aristóteles, parecem reais, sem necessariamente serem. Porém, antes de ultrapassarmos as barreiras dos conceitos de Aristóteles, é importante que observemos a verossimilhança nesta análise como um dos elementos centrais na organização da narrativa e do universo ficcional da obra, além de estabelecermos as relações entre História e Literatura em *O Continente*.

O romance histórico escrito por Érico Veríssimo trata-se da reconstrução ficcional da história regional, ou seja, une antes de mais nada História e Literatura que se entrelaçam e preenchem as lacunas uma da outra. Entretanto, a eficácia do autor na realização deste processo encontra-se na maneira que escreve a obra sem sentir a necessidade de estabelecer uma hierarquia entre as partes, sem precisar subordiná-las uma à outra, ainda que saibamos que a intenção de Veríssimo em *O tempo e o vento* seja a desmitificação da fundação do Rio Grande do Sul, o que seria um indicador da escrita tendenciada à História e baseada principalmente em fontes históricas, deixando a ficção em segundo plano. Entretanto, podemos observar que a ficção e a realidade em *O Continente* possuem sim dependências entre elas, pois é a partir especificamente desta simbiose que Veríssimo reconstrói o Rio Grande do Sul alinhado à sua visão política, cultural e social sobre o período de quase duzentos anos em que se passa a saga da família Terra Cambará. Desta maneira, podemos afirmar que *O Continente* como um processo que obteve êxito, não na reprodução histórica ou na invenção de um universo literário, mas sim na fabricação de um passado mantendo um equilíbrio entre os dois eixos que o sustentam, conforme o que Dante Laytano, crítico literário e historiador define:

Não faz mal nenhum ao romancista amar a História e a História apreciar o romancista; um é ficção, o outro é realidade. Realidade mais ficção é igual à criação, isso é uma equação literária e é com base nela que a História se coloca em pé de igualdade com a Literatura. (LAYTANO *apud* GUTFREIND, 2019, p. 29)

Além das contribuições históricas e literárias realizadas por *O tempo e o vento*, temos ainda que destacar o que Érico Veríssimo pretendia ao ressignificar a história contida nos livros didáticos uma organização coerente no sentido de que, condensando dois séculos da história de um povo e adicionando elementos de representatividade e identidades sociais à este recorte histórico, explicita uma visão mais clara sobre ela, aumentando as possibilidades de reflexão, cumprindo desta maneira, o que Antonio Candido determina como uma das funções capitais da ficção:

[...] a possibilidade de nos dar um conhecimento mais completo, mais coerente do que o conhecimento decepcionante e fragmentário que temos dos seres. Mais ainda: de poder comunicar-nos este conhecimento. De fato, dada a circunstância de ser o criador da realidade que apresenta, o romancista, como o artista em geral, domina-a, delimita-a, mostra-a de modo coerente, e nos comunica esta realidade como um tipo de conhecimento que, em consequência, é muito mais coeso e completo (portanto mais satisfatório) do que o conhecimento fragmentário ou a falta de conhecimento real que nos atormenta nas relações com as pessoas. (2009, p.48)

Sandra Pesavento comenta a forma que Érico Veríssimo constrói *O Continente* a partir da união de retalhos históricos, tradição oral e elementos ficcionais, misturados a datas precisas de importantes eventos históricos do Rio Grande do Sul e figuras históricas reais, diz que o autor coloca o leitor em contato com a “leitura das personagens, desafiando o leitor a refazer o seu caminho de pesquisa para certificar-se e concordar com ele.” (2006, p. 271). Desta maneira, a narrativa histórico-ficcional de Veríssimo desenrola-se por exemplo, possibilitando encontros de figuras históricas como Rafael Pinto Bandeira, figura importante na história do estado na época da Capitania do Rio Grande de São Pedro, e que tem participação no romance ao visitar o rancho dos Terra. Para o leitor, segundo as considerações de Pesavento, a instrumentalização desses elementos históricos, a mistura deles com os elementos ficcionais “deixam no texto um sabor de real, e as situações e personagens, foros de veracidade” (2006, p. 272).

Antonio Candido, já na metade do século XX, analisa que o contexto, o aspecto histórico da obra deixa de ser um elemento externo para ser analisado como interno:

De fato, antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo [no texto], conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.” (CANDIDO, 1980, p. 13-4).

Em paralelo aos aspectos que sustentam seres ficcionais em um universo que por enquanto definiremos como real, temos ainda a presença de uma necessidade resultante da união entre Literatura e História, a necessidade de dar vida às personagens, possibilitá-las a estabelecer relações com o mundo real, aproximando-as do leitor e do que experienciamos nas nossas vidas. Como observaremos a seguir, esta necessidade será suprida em *O Continente* através da verossimilhança.

A verossimilhança em *O Continente* é mais do que resultado de uma coincidência, é mais do que o responsável por estabelecer um pano de fundo para o universo ficcional, ou a cortina de fumaça que oculta as segundas intenções do autor, e mais do que uma técnica de escrita ficcional, com certeza. A primeira evidência que confirma este funcionamento, e que certamente salta primeiro aos olhos do leitor é o fato de que, quanto mais conhecimento sobre a história do Rio Grande do Sul ele tiver, maior profundidade e conexão o leitor desenvolverá com o enredo, e o contrário também acontece, visto que o inevitável olhar mais atento direcionado à história do Rio Grande do Sul e a difusão dela, são proporcionais à profundidade dessas conexões que realizamos no ato de leitura da obra.

Não tenho neste trabalho a pretensão de verificar a veracidade dos fatos ocorridos no decorrer da narrativa ou quantificar a eficiência da difusão dos eventos históricos que Veríssimo introduz em sua epopeia gauchesca, mas se o ato de leitura de *O Tempo e o Vento* não puder ser classificado como estudo da história da sociedade gaúcha do século XIX, então o que é este ato, senão o desperdício da chance de desenterrar e reorganizar o conhecimento sobre a história da nossa terra? De maneira geral, e para fins de melhor compreensão desta análise, simplificando para o uso destes dados neste trabalho, pode-se dizer que Érico Veríssimo constrói a ficção a partir da história, e constrói a história a partir da ficção, manipulando seus limites a todo momento para garantir a existência de personagens e situações que dificilmente se sustentariam no mundo real.

A mitificação do gaúcho, por exemplo, poderia ilustrar os mecanismos que garantem a existência de um certo capitão Rodrigo, mesmo que estejamos cientes da sua desconstrução iminente, no decorrer do enredo principal, desenvolvido nos dois outros volumes *O Retrato* e *O Arquipélago*. Partindo deste ponto de vista, não há como analisar o romance histórico de Veríssimo sem antes compreendermos o eixo principal da construção da sua obra, a mistura de História e Literatura e o conceito de verossimilhança. Conforme explica Pesavento, a verossimilhança é o ponto de convergência que relaciona História e Literatura, efeito criado por ambas, ainda que o historiador tenha pretensão de priorizar a veracidade, e completa seu

posicionamento ao dizer que ‘‘situar a ficção para além do verdadeiro e do falso é não somente restabelecer o imaginário do ser, como a capacidade humana originária, possível de recriar o mundo por um mundo paralelo e nele viver’’ (2003, p.35). A autora ilustra a relação entre história e literatura citando Paul Ricoeur, borrando ainda mais os limites que ambas as áreas alcançam:

Na busca de construir uma representação sobre o passado, o historiador está preso a algo que tenha ocorrido e deixado traços objetivos, pois ele não cria traços, ele os descobre pela pergunta que faz, e o que cria realmente é a versão interpretativa. [...] Já a Literatura, nos indica Paul Ricoeur, cria uma modalidade narrativa referencial ao mundo, que não precisa comprovar ou chegar a uma veracidade, mas obter uma coerência de sentido e um efeito de verossimilhança. (2003, p.35)

Durante o desenrolar dos episódios de *O Continente* são retratados os importantes acontecimentos históricos que fazem parte da fundação do Rio Grande do Sul. Criar a narrativa ao redor de elementos históricos como a Guerra dos Farrapos, Os Sete Povos das Missões e os numerosos conflitos contra os castelhanos na jovem Santa Fé ainda em ascensão, é um dos recursos do autor para articular História e Literatura em um novo universo de possibilidades. Sendo assim, uma vez que o número de alternativas agora é muito mais abrangente, torna-se irrelevante que o narrador tenha qualquer compromisso com a veracidade dos fatos, além de garantir a ele a liberdade de esculpir personagens que possibilitem um novo retrato sobre a sociedade do Rio Grande do Sul. E tratando-se da criação de personagens que aproximem o leitor dos efeitos causados pela verossimilhança presente no romance histórico de Veríssimo, podemos verificar um recurso de introdução de personagens que Beth Brait discute em sua obra *A Personagem* (BRAIT, 1985, p. 33). A representação do Capitão Rodrigo Cambará em sua chegada à pacata Santa Fé, por exemplo, pode ilustrar a utilização desse recurso:

Toda a gente tinha achado estranha a maneira como o cap. Rodrigo Cambará entrara na vida de Santa Fé. Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas. Montava um alazão, trazia bombachas claras, botas com chilenas de prata e o busto musculoso apertado num dólmã militar azul, com gola vermelha e botões de metal. Tinha um violão a tiracolo; sua espada rebrilhava ao sol da tarde e o lenço encarnado que trazia ao pescoço esvoaçava no ar como uma bandeira. (2004, p. 142).

Olhando pela ótica da verossimilhança, a entrada teatral de Rodrigo é narrada desta maneira não apenas por tratar-se de uma das personagens principais do *Continente*, ou apenas para dar ênfase ao contraste entre personagens principais e secundárias, mas para estabelecer o retrato de uma figura não apenas verossímil, mas coerente também, pois logo vamos descobrir que a personalidade de Rodrigo é de alguém que realmente faria uma entrada pomposa dessas. Se não fosse o caso, bastaria dizer que chegava na cidade um homem confiante, bem vestido, dono de

autoestima que beira o narcisismo e de classe social privilegiada da época: um militar, um capitão, ainda que se deva considerar a possibilidade de Rodrigo ter roubado a indumentária militar de um cadáver qualquer. É claro que estou extrapolando ao máximo os limites do gênero para enfatizar meu objetivo de análise, pois sabemos que não é apenas com este recurso que se constroem os romances. Entretanto, Brait diz que:

A apresentação da personagem por um narrador que está fora da história é um recurso muito antigo e eficaz, dependendo da habilidade do escritor que o maneja. Num certo sentido, é um artifício primeiro, uma manifestação quase espontânea da tentativa de criar uma história que deve ganhar a credibilidade do leitor (1985, p. 55.).

Obter a credibilidade do leitor é claramente o objetivo do narrador quando narra a chegada de Rodrigo, é quase um convite ao leitor para cair nas graças do forasteiro, e em menos de uma página, nos apaixonamos pelo jovem capitão assim como Bibiana. Quando falamos sobre a introdução de personagens no enredo, Brait diz que “o escritor habilidoso encontra formas de acoplar recursos à narrativa em terceira pessoa de modo a tornar suas criaturas verossímeis” (1985, p. 56), e é exatamente o que Érico Veríssimo faz com o Capitão Rodrigo, que é acima de tudo, verossímil. Não há nada que desperte a incredulidade do leitor, nem na introdução pomposa de Rodrigo nem nas aventuras que serão narradas no decorrer da trama, uma vez que seu único feito sobrenatural talvez seja ser charmoso demais aos olhos da população de Santa Fé e do leitor. Assim como nas grandes epopeias clássicas, a personagem não é posta em cena por ela mesma, mas por suas aventuras, pelo relato de suas ações. A construção dessa verossimilhança tende a excluir o extraordinário, segundo Yves Reuter (2007, p. 48), e o seu efeito é “essencial para desencadeamento e explicação das ações. Ele repousa, em sua maior parte, na psicologia dos personagens e na construção de pessoas ‘normalmente possíveis’ colhidas em séries de acontecimentos ‘normalmente’ comprováveis”.

A recriação do mundo já existente a partir da relação entre Literatura e História presente no *Continente*, nos confere a possibilidade de análise a partir da concepção de metaficção historiográfica de Linda Hutcheon, que “não pretende reproduzir acontecimentos, mas em vez disso, orientar-nos para os fatos, ou para novas direções a tomar, para que pensemos sobre os acontecimentos” (1991, p.198), conforme ela define em sua obra, *Poética do pós-modernismo*. Hutcheon criou esse termo com a intenção de desmitificar a “verdade” da História, mostrando que é uma das possibilidades da narrativa do passado:

[...] representar aquilo que nos domínios da História, da Literatura e da teoria, destacava-se mais nas críticas do pós-modernismo, a narrativa, ou seja, sua autoconsciência teórica sobre a história e a ficção como criações humanas, que passa a

ser a base para seu repensar e sua reelaboração das formas e dos conteúdos do passado (HUTCHEON, 1991, p. 22).

Desta maneira, *O Continente* problematiza a reflexão sobre o mundo real e sobre a história, assim como a relação estabelecida a partir da combinação com a ficção, subvertendo o que até então, considerava-se intocável e imutável: o mito da fundação do Rio Grande do Sul. Érico Veríssimo aborda as raízes históricas do estado sem a intenção de contribuir à perpetuação do princípio mimético que rege a noção há muito tempo convencional de que a ficção deve agir como a representação da realidade. De acordo com as estratégias narrativas que a metaficção historiográfica hoje pressupõe, o autor cria em *O Continente* uma nova versão da realidade, destacando tanto ela, quanto a necessidade de sua elaboração.

O narrador relaciona pequenas histórias, como por exemplo no “Sobrado” que transmitem toda a angústia e o horror da grande guerra federalista. Ele segue, de certa forma, a tendência de se trabalhar com a micro história para narrar sobre a grande história, dos grandes homens, comandantes de exércitos para o cerco do sobrado, para a luta entre as duas facções em Santa Fé. A partir deste mecanismo de reelaboração da história através da introdução dos agentes ficcionais que constroem o enredo, as personagens e as circunstâncias às quais estão submetidas, “O Sobrado” nos leva à reflexão sobre o principal tema ao qual o capítulo está incorporado, o meio social e os conflitos sociopolíticos da Revolução Federalista. Sobre este processo, Revel (*apud* GREGORY, 2019, p. 286) nos diz que:

É importante salientar que a micro-história nunca deixou de analisar os processos em escala macro. Para Revel, importante historiador vinculado à micro-história, não existe oposição entre história local e história global, pois todos os processos acontecem nos mais variados níveis de experiência, sendo que a verdadeira chave de leitura do historiador deve ser o jogo de escalas. “O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global” (REVEL, 1998, p. 28 *apud* GREGORY, 2019, p. 286)

Além disso, entrelaça a vida do povo de Santa Fé com as deliberações dos chefes dos povoados e das fazendas, criando uma maior identificação com o referencial histórico. Narra o horror que é para cada “soldado”, morador de Santa Fé que deve obedecer ao caudilho da região e ir para uma guerra que não entende e com a qual não se sente comprometido, retratado por exemplo, pelo próprio José Lírio, que discute consigo mesmo a necessidade de obediência ou na trajetória dos homens Caré, vistos como descartáveis pelos seus senhores no decorrer da trilogia.

Assim, o narrador enlaça três conceitos pós-modernos: o da Nova História Cultural e a micro-história, que conta a história dos pequenos, com a metaficção historiográfica, que inclui no romance os “grandes” chefes e caudilhos que decidem a vida de todos, envolvendo nossas

personagens em guerras que às vezes, sequer fazem sentido para suas vidas cotidianas. De fato, ir para a guerra era obrigação de todos os que estivessem dentro da terra dos caudilhos.

Durante o capítulo “Ana Terra”, um grande estancieiro chega no rancho e se instala temporariamente, pois está a caminho do forte de Santa Tecla na caça aos castelhanos que pilhavam os ranchos pela fronteira do continente. Antônio, irmão mais velho de Ana Terra deseja acompanhar as tropas do estancieiro, pois acredita no senso de patriotismo de que tanto falam os versos e histórias sobre o major Pinto Bandeira que correm pelo Rio Grande e que ilustram as palavras do próprio major. Maneco Terra impede o filho de ir junto e explica que esta guerra não é deles, e que o verdadeiro trabalho de um homem é colocar a enxada em uso. Maneco Terra é dono da terra onde habita, logo, não deve obrigação a um caudilho, principalmente em se tratando de uma “guerra para defender seus próprios interesses, e não por patriotismo” (VERÍSSIMO, 2004 p. 72), conforme explica ao seu filho.

Mais tarde, veremos em oposição à esta situação, o destino de homens que não desfrutam da mesma liberdade concedida pela posse de terras e propriedade. A exemplo deste cenário cruel ao qual homens “comuns” estão submetidos completamente à vontade de uma elite está Pedro, obrigado a deixar o trabalho na lavoura quando é convocado pelo major Francisco Amaral para se juntar às tropas de D. Diogo de Souza, que comandava o exército português durante a invasão da Banda Oriental em 1811 (GOES FILHO, 2015, p. 277, 279). O narrador dissecou o momento dos pequenos cidadãos de Santa Fé, moídos e mortos por guerras que não lhes dizem respeito diretamente, deixando à mercê dos horrores da guerra (falta de água, alimentos, frio, desconforto, batalhas sangrentas corpo a corpo), os homens comuns, agricultores e criadores de gado e suas esposas e mães que os esperam.

A falta de exércitos regulares e a falta de suporte da coroa portuguesa na defesa das fronteiras fez isso: todos os homens eram obrigados a servir no exército dos caudilhos, inundando o continente de exércitos particulares, destruindo a vida cotidiana, e que se refletia nas condições das plantações e da pecuária, principais ativos da economia da região, por falta de mão-de-obra. Restavam nos povoados apenas as mulheres, crianças e homens idosos, sem condições de manter a economia básica de sobrevivência.

Assim como “A Fonte”, que narra de maneira romantizada a colonização no período jesuítico e “Ana Terra” que se estende durante os conflitos na Banda Oriental até a Revolução Farroupilha, “O Sobrado” também amplia nosso conhecimento sobre a história através da estrutura narrativa construída no enlace dos conceitos pós-modernos de metaficção

historiográfica, nova história cultural e micro-história. A Revolução Federalista, importante episódio da história do Rio Grande do Sul no qual aconteceu o confronto entre os federalistas, apoiadores do sistema parlamentarista monárquico liderados por Gaspar Silveira Martins; e os republicanos, alinhados aos ideais positivistas de Júlio de Castilhos, que foram implementados na constituição estadual de 1891, elaborada por ele (SANTOS, 2005, p. 57). Ao posicionar a Revolução como ponto de partida e como evento principal que desencadeará os acontecimentos da narrativa, deixando-a completamente aberta às intervenções ficcionais que o autor faz, convida o leitor à reflexão não sobre o evento em si, ou sobre a historicidade da trama, mas sim à representação do modo de viver e dos aspectos sócio-políticos da época. Um indício que nos leva ao encontro desta reflexão, por exemplo, trata-se da escolha do autor ao representar os Cambará e aos Amarais em posturas políticas opostas durante a sangrenta guerra civil que tomou nosso estado, e que não poupou nem mulheres ou crianças, fundamentado nas décadas de rivalidade que acompanhamos durante a obra.

Resgatando o passado e reconstruindo-o no presente, Érico Veríssimo atualiza a história do Rio Grande do Sul à medida que incentiva a reflexão sobre ela, possibilitando ao leitor que a reconstrua pouco a pouco entre um salto no tempo e outro. Desta maneira, como consequência da mistura entre eventos e personagens históricos com a ficção, a narrativa nos permite uma reflexão sobre a vida do homem e sobre sua função social durante os períodos que narra em *O Continente*.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou *O Continente* v. I de Érico Veríssimo buscando estabelecer relações entre História e Literatura, além da observação dos aspectos políticos e sociais do Rio Grande do Sul no período entre 1777 e 1835, desde a sua fundação, até a época da Capitania do Rio Grande de São Pedro e mais tarde, durante a Revolução Federalista em 1893.

Durante o primeiro capítulo, ao trabalhar com o enredo e com os aspectos estruturais da obra, pude constatar, desde o início, a preocupação do narrador em inserir a História do Rio Grande do Sul na vida cotidiana das personagens, além dos elementos e estratégias narrativas que Érico Veríssimo utiliza em *O Continente* para representar a série de mitologias que o autor busca desconstruir no decorrer da trilogia, no processo de desmitificação da história gaúcha. Através da construção de uma narrativa articulada sobre a história do estado, o autor discute os aspectos sociais, culturais e políticos através das suas personagens, reconstruindo sob uma nova perspectiva a história já consolidada nos livros didáticos.

“A Fonte” narra sob uma perspectiva romantizada e idealista a relação entre os jesuítas espanhóis e o índio, e personifica em Pedro Missioneiro uma série de representações culturais e religiosas que no desenrolar do capítulo, desenvolvem-se como parte importante da estrutura que o autor busca questionar.

Pe. Alonzo, enquanto um homem de Deus, e representante dos ideais da igreja e da coroa espanhola, está nesta narrativa representado como um homem comum, sujeito ao pecado e a todas as circunstâncias que levariam o leitor ao questionamento das suas ações e das suas ideias, afastando-o da invulnerabilidade moral pressuposta pela santidade da batina. Pedro, em oposição a isso, quebra a expectativa do leitor através da representação do mestiço dotado de cultura refinada, além de possuir um senso de moralidade e retidão nas ações, mais forte que o de seu mentor.

Pedro, nesta narrativa, é construído a partir da soma da cultura, da arte, e da religiosidade europeias e as características míticas herdadas dos nativos antepassados, que muito dizem sobre a bondade, a pureza e o senso de sobrevivência em comunidade, principais ingredientes da construção do mito do herói gaúcho.

Durante o capítulo, ainda são abordados os reflexos e as consequências que o Rio Grande do Sul sofreu por decorrência de eventos de ordem global, como a disputa de interesses e território entre Portugal e Espanha, que fazem parte do eixo central do enredo e que

desencadeia as ações das personagens. Ilustrando desta maneira a estratégia do narrador ao instrumentalizar suas personagens para discutir temas que dizem respeito à uma escala de dimensões muito maiores, possibilitando ao leitor uma visão mais abrangente sobre aspectos culturais e sociais através da representação do cotidiano das personagens, assim como fará nos capítulos seguintes.

Em “Ana Terra” os eventos históricos estão ainda mais relacionados com o cotidiano das personagens, trazendo profundidade tanto ao viés historiográfico da obra quanto à construção das personagens de Veríssimo. O narrador posiciona suas personagens sob o isolamento social e urbano, e os condiciona à dura sobrevivência à espera de uma invasão castelhana iminente. Os acontecimentos históricos (em sua maioria conflitos) exercem uma participação com muito mais destaque do que nos outros capítulos, uma vez que além de serem aproveitados pelo autor na construção do universo histórico-ficcional com o qual suas personagens vão interagir, eles também representam a marca temporal do enredo, que acontece entre uma disputa territorial e outra.

Temas como a solidão, as condições de vida, a guerra e o papel das classes sociais na organização da sociedade riograndense em ascensão solidificam o pano de fundo desta narrativa sobre o homem comum, em oposição à consolidação de narrativas que exaltam o herói e as mitologias gauchescas. Neste capítulo também observamos a aparição dos processos que são responsáveis pela configuração de um enredo cíclico, que de uma perspectiva geral sobre *O Continente*, apresenta repetições que podem ser interpretadas como uma alusão que o autor faz à tendência da literatura gaúcha de perpetuar mitologias e idealizar a historiografia do povo gaúcho. Érico Veríssimo introduz em “Ana Terra” uma visão muito mais próxima da realidade, sem se preocupar em esconder a violência, o sangue e o sofrimento sobre os quais o estado do Rio Grande do Sul foi fundado.

Em “Um certo Capitão Rodrigo”, analisei a pequena epopeia gauchesca do protagonista, que muito se assemelha ao gaúcho mitológico eternizado na cultura, na literatura e na tradição oral do Rio Grande do Sul. Desta maneira, este trabalho apresentou a análise do processo de desconstrução desse arquétipo, quando Érico Veríssimo posiciona o Cap. Rodrigo na vida cotidiana e rotineira de um vilarejo, sem espaço para a criação de situações que permitiriam o crescimento da personagem como o herói mítico que o próprio Capitão acredita ser. Ao posicionar Rodrigo em um ambiente de tédio e angústia causados pela claustrofobia que sente ao viver na pequena Santa Fé, o autor desconstrói a figura mítica através da humanização,

revelando as verdadeiras características da personagem, como a imoralidade e falhas de caráter, em contraste à conduta e ao código de honra pressupostos pelo gaúcho herói.

Durante a análise destacou-se também o papel das mulheres Terra no enredo, e todo o ciclo narrativo e histórico ao qual elas dão continuidade. Atravessando as gerações, todas elas crescem submetidas à estrutura da sociedade patriarcal que valoriza o belicismo e o papel de homens que se preocupam estritamente em defender seus próprios interesses. As mulheres Terra conquistam seu espaço na narrativa à sua própria maneira, e tornam-se durante todo decorrer da saga a representação da voz que critica constantemente a cultura e a sociedade que começa a se constituir em “Ana Terra” e a já consolidada em “O Sobrado”.

Em “O Sobrado”, capítulo que intercala os outros, e que representa no enredo de Érico Veríssimo o presente, pude observar a forma como o narrador utiliza a técnica do contraponto, retrocedendo no tempo para expandir a perspectiva do leitor sobre as personagens e as circunstâncias às quais estão submetidas, além de explicar as origens da família que protagoniza a saga. Desta maneira, “O Sobrado” é o resultado de todos os elementos que foram construídos no decorrer dos outros capítulos, a concretização final da história dos Terra Cambará a partir do arco de duzentos anos de história que acompanhamos. Além disso, analisei também os aspectos estruturais da narrativa, cujo narrador oferece duas perspectivas diferentes sobre os acontecimentos de Santa Fé, pois ao desenrolar-se do lado de fora do sobrado a narrativa dramática que ilustra os horrores da Revolução Federalista sob a perspectiva de Liroca, as personagens do casarão refletem indiferença sobre ela, antagonizando o protagonista enquanto discutem as necessidades básicas de sobrevivência e a inutilidade da situação à qual estão submetidas.

A análise aborda também os anexos em itálico que Érico Veríssimo insere na obra, principalmente quanto à sua função na estrutura do enredo. Através desses textos, o autor contextualiza historicamente eventos como a fundação de São Leopoldo, a chegada dos imigrantes portugueses e alemães, e o surgimento de uma organização social criada pelos povos europeus e nativos. Além disso, nos textos, o narrador conta também as origens da família Caré, que seguirá por toda a trilogia no papel de coadjuvante durante a saga dos Terra Cambará como a representação de uma classe social submetida à elite que protagoniza *O Tempo e o Vento*.

O segundo capítulo deste trabalho foi dedicado à apresentação da análise do *Continente* principalmente através dos conceitos da crítica Linda Hutcheon e da historiadora Sandra Jatahy Pesavento, verificando que, apesar da obra ter sido escrita em 1936, ela inova ao utilizar a

compreensão pós-moderna advinda da queda da União Soviética e da Guerra Fria, de que não há uma História, e sim narrativas sobre o passado, que hoje, podemos enquadrar como Nova História Cultural, Micro-História e Metaficção Historiográfica. Érico Veríssimo esteve à frente de seu tempo ao relacionar, sem qualquer comedimento ou preocupação de amparar sua narrativa em fatos históricos reconhecidos, e de fato, contribuiu para o imaginário da história do Rio Grande do Sul e para o mito do gaúcho, mas sem prender-se à perpetuação de narrativas heroicas que mascararam as verdadeiras motivações dele.

Depois de conceituar História e Literatura e estabelecer suas relações, observei *O Continente* para chegar à conclusão que Érico Veríssimo antecipa em décadas a reflexão dos estudiosos da Metaficção Historiográfica, da Nova História Cultural e da Micro-História ao abordar os temas históricos, sociais e culturais que servem de alicerce à fundação do Rio Grande, criando na ficção, a possibilidade de se refletir sobre a realidade a partir de novos olhares.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR E SILVA, Victor M. **Teoria da literatura**. Coimbra: Almedina, 1988.
- ALBECHE, Daysi Lange. **Imagens do Gaúcho: História e Mitificação**. Porto Alegre: Dissertação de Mestrado, PUCRS, julho de 1995.
- ALBECHE, Daysi Lange. **Estudos Ibero-Americanos: O gaúcho na tradição reordenada**. Porto Alegre: PUCRS, 1995.
- ARISTÓTELES. **A Poética**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. Trad. Eudoro de Souza.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Brasil, Argentina e Estados Unidos: Conflito e integração na América do Sul**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Expansionismo brasileiro e a formação dos Estados na Bacia do Prata: Da colonização à Guerra da Tríplice Aliança**. 3a. Ed. Rio de Janeiro: UNB, 1998.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3a. Ed. São Paulo: UEM, 2009.
- BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. **O Tempo e o Vento: História, ficção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CAMPOS, Antonio Evaristo Zanchin. **De andarilho a herói dos pampas: História e Literatura na criação do gaúcho herói**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul, 2008
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 1980 (1ª Ed. 1965).
- \_\_\_\_\_. **A personagem de ficção**. 2. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul 2006.
- COSTA, Lígia Militz. **A Poética de Aristóteles**. São Paulo: Ática: 2003.
- CHIAPPINI, L; MARTINS, M; PESAVENTO, S.J. (Orgs.) **Pampa e Cultura: de Fierro a Netto**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Instituto Estadual do Livro, 2004.
- DORADIOTO, Francisco. **O Brasil no Prata (1822-1994)**. 2a. Ed. Brasília: FUNAG, 2014.
- DUTRA, Carlos Alberto dos Santos. **A Outra face do Rio Grande**. Minas Gerais: UFMG, 2001.

FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**, 10º Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2019.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Organização Oliver Stallybrass; tradução Sergio Alcides; 4. ed. São Paulo: Globo, 2005.

GREGORY, Júlia Leite. HISTÓRIA CULTURAL E MICRO-HISTÓRIA: UMA RELAÇÃO HISTORIOGRÁFICA, **Revista Latino-Americana de História**, v. 08, nº. 22 – ago./dez. de 2019, REVISTAS UNISINOS.

GOES FILHO, Synesio Sampaio. **Navegantes, Bandeirantes e Diplomatas: Um ensaio sobre a formação das fronteiras do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2015.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza; MARTINS, Jefferson Teles. **180 anos da Proclamação da República Rio-Grandense: as idéias da república em debate**. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2017.

GOULART, Jorge Salis. **A formação do Rio Grande do Sul**. 3. Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

GUTFREIND, Ieda. **Banco de depoimentos de escritores/historiadores: Concepção e escrita da história sul-riograndense**. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2019.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JUNIOR, Gilberto Ferreira Sena. **Realidade versus Ficção: A Literatura como fonte para a escrita da história**. Bahia: Dissertação de Mestrado, UEFS, 2008.

NETO, Helio Franchini. **Independência e Morte: Política e Guerra na Emancipação do Brasil (1821-1823)**. São Paulo: Topbooks, 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leitura da História e da Literatura. **História da Educação**, Pelotas, p.31-45, 01 set 2003.

\_\_\_\_\_. **A Revolução Federalista**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

\_\_\_\_\_. **História do Rio Grande do Sul**, 9ª Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2014.

\_\_\_\_\_. **Érico Veríssimo: Encontros e desencontros da ficção com a história**. São Paulo: Revista USP n.68, p. 270-273, 2005.

PIMENTA, João Paulo Garrido. **Estado e nação na crise dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828)**. São Paulo: Hucitec, 2006.

PRADO, Maria Ligia; PELLEGRINO, Gabriela. **História da América Latina**. São Paulo: Contexto, 2014.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. 2ª Ed. Tradução de Mario Pontes. Rio de Janeiro, DIFEL, 2007

SANTOS, Pedro Brum. **Aspectos do romance histórico de Érico Veríssimo**. Belo Horizonte: PPGL/UFSM, 2005. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em <https://repositorio.ufmg.br> acessado em 22/04/2021.

SFALCIN, Tanara Mantovani. **Entrelaçamento da História com a Literatura em Ana Terra em Érico Veríssimo**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SILVA, Ângela Maria Garcia dos Santos. **Érico Veríssimo: História da Literatura ou ficção?** Salvador: Revista UNEB, 2003.

SOUSA, Alexandre Ricardo Lobo de. **A construção do Estado Brasileiro em Érico Veríssimo e Raymundo Faoro**. Porto Alegre: 2013. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Letras da UFRGS.

VERÍSSIMO, Érico. **O Tempo e o Vento: O Continente V. 1**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.